

O HOMEM LIVRE

Redator-Chefe: Geraldo Ferraz
Diretor-Gerente: José Pérez

ASSINATURAS:

A NO 203000
SEMESTRE 103000
NUMERO AVULSO 3200

R. S. Bento 58 - 2.º and. - Tel. 2-3780

Anno I

São Paulo, 2 de Julho de 1933

Num. 6

FRENTE UNICA

A constituição da frente-única anti-fascista em São Paulo é um acontecimento auspicioso de uma significação que deve ser devidamente considerada. O fascismo como método de repressão e de demagogia já atravessou há muito as fronteiras do país, que o viu nascer no meio de sangue, de mentira e de traição, para servir aos reacionários de todo o mundo como o recurso derradeiro para conter a ascensão das classes oprimidas, cuja força política nos países mais adiantados causa arrepios de medo aos que vêm seu poderio secular estremecer diante de uma crise que é a agonia de um regime econômico. Em Roma já apareceram jornais e revistas que se apresentam como ór-

gãos do "fascismo universal". No Brasil mesmo, os "nacionalistas" intransigentes de ontem, que se enclavam de trejeitos históricos diante das "ideologias exóticas", que não eram do "nosso meio e da nossa gente", não se pejam hoje de macaquear instituições reacionárias estrangeiras da maneira mais sevil, não procurando mesmo, no seu encantamento suscitado pelo "Duce", nem salvar as aparências ao adotar as suas camisas e insignias ou a saudação à romana.

Depois da vitória do fascismo germânico então toda a compostura foi perdida. Meia dúzia de interessados espertos, a serviço da plutocracia nacional, procura manobrar, e não sem algum êxito, com a ignorância das

classes médias de nosso país, ignorância tanto mais lamentável quando a ela se junta a indecisão das atitudes políticas que lhe serve de característica em todo o mundo. Procuram desse modo as minorias exploradoras, usando de uma grande previdência, garantir as suas posições no caso de um "tournant" da política internacional ou mesmo no caso de uma agravação profunda da crise política do país. Vemos assim que o fascismo é hoje a bandeira da reação mundial, como era ontem as formas extremadas do "nacionalismo". Hoje somente a má fé de um pasquim musolinesco que se publica nesta Capital pode aludir, procurando responder a "O Homem Livre", a "melindres nacionais ofendidos", a "fascismo, questão que só interessa italianos", etc. Esse pasquim sabe que os interesses de classe se sobrepõem a

quaisquer outros. Não é a tôn que ele, como os outros jornais fascistas italianos de São Paulo acolhem de maneira tão pressurosa os comunicados ridículos que os camisas cõr de azeitona distribuem.

Já nos ocupamos das possibilidades do advento de uma ditadura fascista no Brasil. Procuramos demonstrar que a inexistência no país de uma organização forte das classes trabalhadoras, em consequência do atraso do nosso desenvolvimento econômico, dá às classes dominantes uma relativa tranquilidade quanto à iminência de uma revolução genuinamente popular. Dai considerarmos afastada a hipótese de uma ditadura fascista típica entre nós, pois o que caracteriza o fascismo é a ação que desenvolve contra as classes trabalhadoras. Por outro lado, fizemos ver que o que era possível entre nós era a implantação de uma ditadura do tipo comum usando do métodos fascistas de demagogia e de repressão. Praticamente a diferença das duas formas de predomínio da minoria a serviço do capital financeiro não é grande. A interdependência cada vez mais estreita dos interesses políticos das diferentes classes sociais em todo o mundo torna cada vez mais homogêneos os métodos de luta das mesmas classes. Nos países atrasados então fácil se torna a implantação de uma ditadura "preventiva" cuja missão será de impedir a organização independente da massa popular, mantê-la no obscurantismo religioso e combater a todo o transe as liberdades democráticas. No interior do Estado, e principalmente no interior de Minas Gerais, os "azeitonas" já vão alcançando os seus objetivos. Com o auxílio do clero, eles vão transformando os

"filhos de Maria" em fâmulos inconcipientes que amanhã irão massacrar o povo em defesa da mais sordida plutocracia. O combate ao fascismo é a tarefa mais urgente que cabe, não somente às classes trabalhadoras, mas a todos os que anseiam pela emancipação da humanidade e não desejam ver o mundo retrogradar para o benefício exclusivo de uma casta de exploradores ignobeis.

Mais não é preciso dizer para evidenciar a importância e a significação profunda da constituição da frente-única antifascista em São Paulo. Nela já ingressaram organizações que vão desde a esquerda democrática até a extrema-esquerda marxista estando nesse numero incluídas as agremiações sindicais. As bases amplas sobre que se constituiu a frente-única permitem que a luta seja travada sem atritos entre as diferentes organizações. As reuniões já realizadas mostram mesmo uma compreensão animadora da urgência da tarefa a ser cumprida. O exemplo da Alemanha, onde todas as tendências políticas que não commungam com os ideais do "manganeio" e do óleo de ricino vão sendo sistematicamente eliminadas, está abrindo os olhos a toda a gente. E não menos eloquente é o "bluff" patente das realizações fascistas na Italia. Hoje, até mesmo os cretinos estão deixando de acreditar no "Estado integral" e nos milagres que seriam realizados pela corporações dos artesãos medievais...

Todas as organizações políticas e sindicais de São Paulo que não desejam a volta ao predomínio de castas privilegiadas e ao "direito divino", devem lutar contra o fascismo dando a sua adesão à frente-única.

A Constituição da Frente Unica Antifascista

COMO DECORREU A ASSEMBLEA MEMORAVEL DO DIA 25 DE JUNHO — AS ORGANIZAÇÕES QUE JÁ ADERIRAM À F. U. A.

Foi no ultimo domingo do mez p. p., no salão da União Civica 5 de Julho, que se constituiu em São Paulo a Frente Unica Antifascista, tendo assim concretizado a ideia levantada na reunião comemorativa da morte de Matteotti.

Para presidir a reunião foi escolhido o sr. Francisco Frota sendo logo a seguir verificadas as credenciais dos presentes que representavam as seguintes organizações: Partido Socialista Brasileiro, Gremio Universitario Socialista, União dos Trabalhadores Graficos, Legião Cvica 5 de Julho, Liga Comunista, Partido Socialista Italiano, Bandeira dos Dezoito, Grupo Socialista "Giacomo Matteotti", dos jornais "O Homem Livre" e "A Rua", a revista "O Socialismo" e o Grupo "Italia Libera".

Discutiu-se, em seguida, a maneira como devia ser organizada a Frente Unica. Nos debates, que foram longos e por vezes acalorados, tiveram parte saliente os representantes da Federação Operaria e dos jornais "A Lanterna" e "A Plebe", que se manifestaram contrários á formação de uma "frente unica de organizações", batendo-se pela formação de uma liga ou organização semelhante, constituída de "individuos". A maioria dos delegados, contudo, era pela frente unica de organizações. Para a formação dessa frente unica, aliás, havia sido combinada e convocada a reunião.

Em seguida foram apresentadas pelo sr. Aristides Lôbo as seguintes bases para a constituição da Frente Unica Antifascista:

- Combate ás ideias, ao desenvolvimento e á ação do fascismo;
- reivindicação do ensino leigo e da separação da igreja do Estado;
- liberdade de pensamento, reunião, associação e imprensa;



d) formação de um bloco unico de ação contra o fascismo.

Podem pertencer à Frente Unica Anti-Fascista todas as organizações antifascistas, sem distinção de credos politicos ou filosoficos.

Sobre a denominação de "Frente Unica Antifascista" travaram-se novos debates, sendo a mesma aprovada, absten-do-se de votar os representantes da Federação Operaria, de "A Lanterna" e de "A Plebe", pelos motivos já expostos. O mesmo aconteceu com todos os outros pontos da proposta apresentada. Os delegados das tres aludidas organizações, contudo, mostraram-se inteiramente solidarios com a campanha antifascista que ora se inicia nela tomando parte ativa.

A seguir foram constituídas as comissões de relações de sindicancia e de propaganda, que logo entraram em atividade.

Ao finalizar a sessão o presidente comunicou á sala que as adesões estavam abertas para as organizações anti-fascistas que quizessem fazê-lo, na base do programa ado-tado.

Mussolini e o pacto quadruplo

Francisco Frola

(Especial para "O Homem Livre")

O pacto quadruplo é a ultima gloria do Duce. Os turiferarios do regimen batem o tambôr da gloria e já chegaram a predizer para o seu sujo patrão o premio Nobel da paz.

O pacto quadruplo é uma segunda Corfu'. Então, Mussolini partiu para a conquista da ilha, bombardeou a população inermes, cantou o hino da vitória e, depois, ... devido a uma ordem enérgica do almirantado inglês, em vinte e quatro horas, retirou-se de Corfu' e pagou para mais de duzentos milhões de liras.

Neste episodio reside a essencia da politica fascista. Gritos, orgulho, fanfarrão diante dos fracos, velharia diante dos fortes.

O pacto quadruplo era dirigido, — conforme os desejos do "Duce" —, contra a França, em favor do bloco fascista chefiado por Mussolini e Hitler.

Resultou no contrario perfeito. A França sai mais reforçada, especialmente depois da atitude da Pequena Entente. Mas, que importa? Mussolini, como um clown desalegante, bate palmas no circo politico e a imprensa assalariada, sorri tenramente.

Póde o fascismo pensar na paz com sinceridade?

O fascismo nasceu da guerra.

As suas "legiões" foram formadas dos restos da carnificina. "Arditi" que exprimiram no drama sangrento as atitudes felinas de seu temperamento e que, ao sobrevir a paz, não quizeram retomar o seu lugar na comunidade civil do trabalho. Preferiram viver como mercenarios, ao soldo da reação e continuar o estado de guerra, enterrando o punhal nas carnes dos próprios irmãos.

O fascismo nasceu da guerra e constitui a sua consequência mais vergonhosa. Sem a guerra, o fascismo não teria nascido, ou teria características menos criminais. Com o fascismo, todo o substrato mais baixo da guerra vem á tona e triunfa. A sede de sangue, a ferocidade inutil, a rapina, o furto sistemático, a loucura delinquente, a destruição, o estupro, o assassinio, a ignorancia, a inversão sexual, a fanfarrice, que constituem a essencia do "sargentão" de todos os tempos e todos os países, se intensificam no regimen fascista e quanto mais se evidenciam nêle as características do delinquente, mais sobe na escala hierárquica.

Estes restos da sociedade não participaram da guerra para defender o próprio país. Em sua alma não vivem sentimentos deste genero. Atiraram-se á guerra porque esta lhes oferecia a maneira de degarrar a

sua perversidade, o seu banditismo e, quando a guerra terminou, eles não depuzeram as armas para tomar da enxada o do martêlo, mas jogaram-se com as armas á mão, contra a sociedade civil, e a destruíram. A este estado de criminalidade permanente deram o nome de fascismo, e muitos ingenuos têm a convicção que-o fascismo trouxe a ordem na nação. A ordem que existe nas cadeias e nos cemiterios.

O fascismo nasceu da guerra e vai em direção á guerra.

A Italia fascista é o unico país, entre os ex-aliados, que mantém o caráter festivo ao 24 de maio, data da sua entrada na guerra.

A Italia fascista e a Alemanha nazista não podem renunciar á sua própria natureza para se tornar pacifistas. Quando o fascismo oferece o ramo de oliveira, esconde o punhal.

Naturalmente, Hitler, depois de ter aterrorizado o mundo com a perseguição criminosa aos judeus e marxistas, mudou o tom de voz. E Mussolini, que fecha a balança "recon-

strutiva" do estado com um deficit de quatro bilhões, sente a necessidade de atenuar a campanha antijugoslava e, por consequência, antifrancesa.

São sinceros?

Cada dia o fascismo injecta, na juventude, o veneno da guerra. Na escola, com o livro, com a imprensa com o teatro, com o cinema. E soleniza a guerra com expressão violenta e selvagem: a guerra pela guerra.

O fascismo educa para a guerra porque tende para a guerra.

Mas o fascismo não pensa que no fundo do ato cruento da competição armada se agita um espêtro que póde de um momento para outro, encontrar o caminho da incarnação. Não pensa que das trincheiras ensanguentadas, dos magotes de cadaveres despedaçados, dos sofrimentos, póde saltar, de um momento para outro, a Revolução. Tal como aconteceu na Russia.

Terá Mussolini o premio Nobel da paz?

Um premio ser-lho-á, com certeza, reservado: a execração de todos os homens que amam a liberdade.

Scarface, ou a logica de uma civilização

Quem quizer ver ao vivo o mecanismo interno da nossa civilização va assistir a esse film.

Aquela luta encarnizada dos contrabandistas pelas zonas monopolizadas reproduz com admiravel exactidão a luta da concorrência nos mercados capitalistas. E' a imagem concentrada num ponto do que se passa em toda a extensão do globo entre as chamadas nações civilizadas.

Se Scarface não pode satisfazer-se com o monopólio de determinada zona da cidade e precisa arrancar de O'Hara uma outra, a Inglaterra não pode contentar-se com a sua ilha, nem os Estados Unidos se bastam com o seu continente, e vêm-se todos forçados a usar de metralhadoras para despojar os O'Hara de outros meridianos de seus territórios e esferas de influencia.

Ao individuo Scarface como ás grandes potências imperialistas, domina a mesma imanente necessidade: conquistar novos mercados. Se para os GANGSTERS de Chicago o espaço da competição se engarrafa dentro do acanhadissimo perimetro de uma grande metropole, para os tubarões do imperialismo estes mercados são delimitados pelas proporções mediocres do nosso planeta. Para estes contrabandistas, a lei sêca foi o "proteccionismo" ou as "barreiras alfandegarias" que elevaram a concorrência á altura do gangsterismo como á competição desenfreiada dentro da pequenês do mercado mundial elevou a ferocidade da luta inter-imperialista até ao grandioso banditismo da grande guerra e, recentemente, a esta classica façanha gangsteriana que foi o bombardeio de Changai.

E surgem os pastores, os bispos, os homens ditos de boa vontade, pregoando a essas entidades as virtudes da continência. Mas é estúpido e ririculo culpar a ambição humana. Primeiro, esta não existe em si, como a arte pela arte, ou como a idéa pura. E' provocada ou exigida pelo sistema social em que se vive, pelo próprio regime econômico que dela carece para desenvolver-se. E depois, para explicar-se não ha necessidade de recorrer a esses argumentos psicologicos que são mais próprios aos sermões grandiloquentes sobre a vaidade humana, etc.

A lógica interna do regime dá uma explicação mais positiva. Em comercio, negócio que não progride é negócio que regride, não ha meio termo. Rival que não se vence é concorrente vitorioso. Depois do revolver que eliminou o primeiro competidor, Scarface viu-se obrigado a lançar mão das metralhadoras afim de não succumbir ao terceiro rival.

O primeiro contrabandista já tinha atingido ao cume de sua carreira e declarava nada mais ambicionar. Foi

eliminado. E havia para esta eliminação uma razão profunda. Fazia parte das regras do jogo da concorrência.

O diabo é que, para alcançar-se ao estagio superior de perfeição em que o individuo ja principia a complicar-se com elevadas considerações filosoficas e morais sobre a ambição humana e atinge enfim aos páramos da virtude cristã por excelência que é a da resignação á propria sorte, impondo-se á veneração publica, foi necessário ter começado por ser GANGSTER.

A sociedade dos GANGSTERS é a sociedade burguesa esquematizada. Aquêles homens do BAS-FOND, pela vertiginosa rapidês com que acumulam riquezas, não tiveram tempo de perder os traços de sua desclassificação social. Longe ainda estão de se ter impregnado das profundas e elegantes sutilezas de cultura e hipocrisias sociais que são o apanágio da alta sociedade burguesa. São capitalistas rudimentarizados na sua formação psicologica. O gangsterismo é um extranho processo de acumulação primitiva em pleno coração da mais alta civilização industrial. Dai a sua semelhança paradoxal com o Borgia da renascença ou os LAMPEÃO do nordeste, e ao mesmo tempo os seus traços comuns com um fabuloso capitão de industria moderno, um magnata do aço ou do petróleo.

E quando os honrados burgueses reunidos, debateram contra a "vergonha da nação", insinuando que tudo isso se deve á diversidade de algumas leis entre um ou outro Estado da União Americana, ou quando levam seu tendenciosismo a enxergar na sonoridade dos nomes estrangeiros a explicação para o caso dos GANGSTERS, a cena torna-se grotesca comparada á profundidade do fenómeno. Até parece um fragmento da filosofia barata do racismo.

Os GANGSTERS são muito menos adventicios do que aquela gente. Al Capone é muito menos da Itália do que da cidade de Nick Carter. Scarface nasceu com a civilização chicaguense. Ele se utiliza dela com a desinvoltura e a naturalidade com que um principe usa de seus lacaios. Não pode viver sem esta civilização. Ao primeiro ataque de fuzil-metralhadora que sofreu, deitado ao chão em pleno perigo, não poude conter o entusiasmo por aquela nova máquina a serviço de sua profissão. E' exaltada a alegria com que a empresa pela primeira vez. A instituição juridica do HABEAS-CORPUS é utilizada com o desembaraço de quem nunca leu os volumes inteiros sobre o assunto do Conselheiro Rui Barbosa. O Habeas-corpus é para ele uma invenção mecânica tão admira-

vel quanto o seu automovel blindado.

A sua personalidade não existe em si, com aquelas famosas facultades da alma tão debatidas desde Sócrates. Ela existe em função das entidades técnicas e sociais que o geraram. Scarface é uma metralhadora com alguma massa encefálica. Carece da lei sêca, do HABEAS-CORPUS, de sua familia, de seu bando, de suas armas, de suas paredes de aço, para que seja ele mesmo. A sua força está na identificação sincronizada de seu objetivo interior com a finalidade mesma de sua arma mecânica. No dia em que o seu revolver, realizando a sua função, contrariou as próprias intenções individuais de Scarface, começou para este a decadência.

Dois traços elementares formam a silhueta moral do GANGSTER: a liberdade completa de gestos e de ação; e o entranhado sentimento de superioridade. Esta noção se exprime no zelo frenético e pueril com que pretendia guardar a irmã dos contatos e da insolência injuriosa dos homens que ele desprezava. Queria que o terror que inspirava se projetasse sobre a irmã, impondo-a ao respeito dos outros. E' um sentimento este, aliás, que se encontra nos grupos sociais, que ja dispõem de uma tradição e tem o orgulho do passado.

Scarface é assim a personalização lapidar e esquemática, quasi esqueletica, de uma classe, do grupo dominante em toda sociedade. Hoje, do punhado de plutocratas soberanos que estendem do fundo de suas salas as suas garras poderosas e anonimas sobre o mundo, os Estados e os povos.

Vértice dessocializado já do desenvolvimento da personalidade do capitalista em sua plenitude, Scarface está acima do bem e do mal. A injuria do policial taxando-o de covarde cai no vácuo. O estalão grosseiro deste não pode medi-lo. Quando ele se vê só, isolado de seu sistema social e técnico, despojado de seus complementos — o bando, as armas, o antro de aço — deixa de ser o GANGSTER temeroso. Está nu como se mal tivesse saído dos cueiros. E' um trapo humano como os outros. Humilha-se com uma espantosa naturalidade. Não tem gosto pelas exigências sutis da coerência de atitudes. Se a cena demorasse mais, ele atingiria ao sublime e o filme teria que acabar nas pompas alegóricas do arrependimento e da conversão, com os raios da graça e musica de órgão, para gáudio do serviço de publicidade da Igreja, com a salvação espetacular de mais essa alma.

Por tudo isso Scarface não é, como diz hipocritamente o sub-titulo, a "vergonha de uma nação", mas a lógica interna profunda da civilização capitalista.

R. M.

O Hitlerismo e as profissões liberais

O dr. Ruppin, commissario da união dos medicos da provincia de Brandenburgo, nas terras escravizadas da Alemanha do seculo XX, publicou, no respectivo periodico profissional, um apêlo intitulado "Na porta dos medicos judeus". O inaudito bestialismo desse enurgimento se estampa nas seguintes frases que trasladamos, em vernaculo, de "Le Temps" de 25 de maio ultimo:

"Devem os judeus ser completamente afastados das profissões liberais. Estas profissões, notadamente a de medico, estão em contato diario com todas as camadas da população. Tem os medicos situação de confiança que lhes permite influencia sobre o espirito de seus clientes. O "comité" provincial dos medicos de Brandenburgo julga inadmissivel que, em nosso Estado racista, conserve um judeu a possibilidade de espalhar por

este meio o veneno do pensamento judeu. Nós outros, medicos alemães, exigimos que todos os medicos judeus sejam excluidos do tratamento de nossos compatriotas alemães, porque o judeu é a encarnação da fraude e da mentira."

Outro medico, o dr. Vellguth, em artigo publicado nas "Comunicações Medicas", órgão da Associação dos Medicos Alemães, confirmando intenções já manifestadas pelo órgão oficial do caidor de paredes que está borrando a civilização da Germania, preconizam a esterilização de certos doentes e criminosos e estende-a a outras pessoas, com a só reserva (talvez por ora, para começar) do assentimento destas, nos seguintes termos:

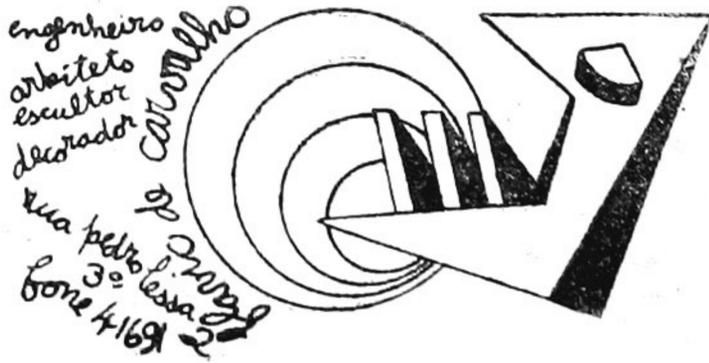
"Queremos impedir, tanto quanto possivel, a infiltração de sangue de raça estrangeira no organismo do

nosso povo. Os judeus, os negros, os mongoes e os oriundos de outras populações inferiores poderão ser impunemente esterilizados, com seu consentimento, quer estejam doentes quer não."

Mais de 25.000 israelitas alemães já se acham refugiados na França e entre eles ha numerosos professores, medicos, etc. Está assim a França recuperando um pouco do sangue que perdeu, quasi nos fins do seculo XVII, com a revogação do edito de Nantes, garantidor dos protestantes, época em que cerca de 300.000 franceses foram levar á Alemanha, á Inglaterra e á Holanda inapreciaveis elementos de energia moral e fisica. Ao menos, em França, Saint-Simon e Vauban, sob o absolutismo do Rei-Sol, protestaram.

AO PÉ DA LETRA

Ao sr. Artur Capodaglio — "diretor-proprietario" do "Corriere degli Italiani", órgão do consulado fascista — brasileiro que vende sua pena para a propaganda do fascismo italiano no Brasil e que se serve da inconciencia de certos linotipistas para fazer obra de delação na acção de "ricatto" de seu imundo jornalêco, tenho a declarar, a proposito da publicação ali aparecida a 26 do corrente, que se refere á minha pessoa e a "O HOMEM LIVRE", que errou o alvo, na sua proverbial e conhecida burrice. E' melhor que não procure sarna para se coçar pois, "O HOMEM LIVRE" atingido comigo pelas cretinices gratuitas do sr. Capodaglio poderá falar com a sua habitual franqueza sobre muitas coisas do fascismo que o referido cavalheiro nem imagina que nós sabemos. L.



Agencia Bremen Passagens

Largo de Santa Ephigenia, 13 Tel. 2-5413

A Cooperativa MOVEIS e TAPECARIAS

Rua José Paulino, 80-A Tel. 4-0918

2-7-1933

LITERATURA

Diretrizes

A literatura brasileira teve um período agudo de denteição quando a Semana de Arte Moderna de S. Paulo andou fazendo alarde de leituras dos modernistas franceses e italianos.

Mas Graça Aranha já era. Parece mesmo um caso de precocidade esse caso de Graça Aranha na literatura brasileira. O palavriado debordante do escritor de "Canaan" cheio de subtêlesas difíceis, fez acreditar num "espírito moderno" tão vago como o "espírito revolucionário" de certos revolucionários que nós bem conhecemos. A denteição da literatura brasileira entretanto, ficou na primeira infância. Alguns foram adeantes, e o reduzido grupo da antropofagia andou devorando os últimos tabus. Mário de Andrade e Guilherme de Almeida, o prosador insigne e o poeta máximo, se desviaram com engulhos da refrega de discussão que Oswald de Andrade, Raul Bopp e Oswald Costa dirigiam. Nunca Mário de Andrade e Guilherme de Almeida poderiam entrar no treino violento do barulho antropofágico. Um deveria acabar na Academia de Letras vestindo bordados, e outro "ouvindo música", como escreveu Di Cavalcanti, e arrematando males...

Esta questão literária o Brasil precisa de ser esclarecida. No grande parque de bananeiras e preguiças, os plumitivos se maravilham com a escachoante atrapalhada de Coelho Neto, a fulgurância de Gustavo Barroso e a erudição dos Zevacos (Paulo Setubal Viriato Corrêa, Menotti del Picchia, João Francinha e que tais).

Se foi o tempo da novela de costume de Aluizio Azevedo. Mas ficaram os males. Ficou o gôso da sacanagem de Macunaima, e esse acanahamento pesado de Yan de Almeida Prado nos "Tres Sargentos". Até o "Parque Industrial" se pôde dizer que sofreu essa angustia de desabafo.

Ninguém, porém teve coragem de traçar a diretriz adoptada. Apenas no nosso passado ha uma reminiscencia do prefacio de "Historias e Sonhos" em que Lima Barreto toma posição no sentido humano do entendimento universal. A sua "literatura XXX militante" fica na expressão

evangelica da maior compreensão dos homens, no mundo em que se guerreiam japoneses ferozes e brancos nacionalistas.

O modernismo literário do Brasil deu mais um az de sua graça no ultimo sabado, quando inaugurando a exposição de arte do Rio, no estudio do fotografo Nicolas, Renato Almeida inventou de ler o seu "toque de sentido" que é uma derivação da saudade do escritor Graça Aranha e uma estreitinha diretriz de criação de coisa moderna. Resume-a a frase: "A expressão espirito moderno será entendida sempre segundo o criterio de relatividade do tempo, significando as ideias avançadas em literatura e arte".

As "ideias avançadas em literatura e arte"!

Antonio de Alcantara Machado, ainda na semana que acabou disse que é preciso se definir. Mas se definir mesmo.

Diretrizes perante os acontecimentos, e diretrizes não só "modernas", mas de posição de combate, ao lado desta ou daquela ideologia que estão governando o mundo, diretrizes firmes a favor ou contra Hitler, o Papa e Moscou.

E daí? É que a literatura precisa assumir o caráter de intervenção ativa nos acontecimentos de seu tempo. Essa será a literatura moderna, no amplo sentido de interesse humano e atual.

Como realizá-la?

Geraldo Ferraz.

COELHO NETO FOI MESMO CANDIDATADO A PREMIO NOBEL

Candidataram mesmo Coelho Neto a premio Nobel de literatura. A Academia de Stockolmo, conforme um telegrama que chegou um destes dias, recebeu da Academia Brasileira, a triste proposta. Não queremos dizer que o premio Nobel seja lá essas coisas, mas apresentar-se um Coelho Neto para candidato é coisa que só mesmo na cabeça de academico brasileiro. Não basta estar o escritor sem graça do "Rei Negro" engazopando os leitores brasileiros. Precisavamos ir com êle pra fóra para aborrecer os nervos dos outros. O papel dos volumes que Coelho Neto escreveu não presta para nada nesta vida...

E não temos um romancista que preste na Academia.

ARTIGO DO SR. DOLLFUSS

VARSOVIA, 30 (H.) — O "Kurjer Poranny" publica um artigo do sr. Dollfuss, chanceler da Austria, em que declara que o seu governo e os partidos sobre os quais se apoia não cederão aos nacional-socialistas.

OS DESEMPREGADOS DEVEM FILIAR-SE A ASSOCIAÇÃO MILITAR, PARA SEREM APROVEITADOS

BERLIM, 24 (H.) — Anuncia-se que terminada a conferencia entre os delegados patronais e as diretorias das associações militares ficou decidido recomendar aos desocupados que se filiem ás referidas organizações, cujos membros terão preferencia por ocasião de serem executados novos trabalhos bem como para as vagas de empregos que se apresentarem.

INTERDIÇÃO DA SOCIEDADE DE PESQUISAS BIBLICAS E SEQUESTRO DE BENS DE CATOLICOS

BERLIM, 30 (H.) — Foi interdita em virtude da lei para a proteção do povo e do Estado alemão, a Sociedade de Pesquisas Biblicas.

Em numerosas localidades do Palatinado foram confiscados bens pertencentes aos catolicos, de acôrdo com determinações do governo de Munich. Foram sequestrados tambem bens de sociedades catolicas em Ludwigshafen. Landau, Rheingohem e Oggersheim.

PRISÃO DO LEADER SOCIALISTA LOEBE

BERLIM, 24 (UTB) — Em consequencia do ato de banimento do partido socialista, foi preso ontem á tarde o lider desse partido sr. Loebe, antigo presidente do Reichstag.

Enriqueça a sua estante sociológica com êstes livros

Uma Biblioteca não é um luxo, é uma necessidade

- SOCIALISMO:**
 MANIFESTO COMUNISTA—Karl Marx 24000
 PRINCIPIOS DO COMUNISMO — Friedrich Engels 14500
 SOCIALISMO UTÓPICO E SOCIALISMO CIENTIFICO — F. Engels 34000
 A B C DO COMUNISMO — N. Bukharin 54000
- FILOSOFIA:**
 CÂNDIDO — Voltaire 44000
 O MARXISMO — Vários autores. 49000
 CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA — Plekhanov 14500
 LUDWIG FEUERBACH E O FIM DA FILOSOFIA CLÁSSICA ALEMÃ — F. Engels 49000
 PARADOXOS — Max Nordau 74000
- ECONOMIA:**
 O CAPITAL (Resumo) — Carlo Caffero 44000
 O PLANO QUINQUENAL—L. Trotsky 44000
 OS PROBLEMAS DO DESENVOLVIMENTO DA U. R. S. S.—L. Trotsky 34000
 BANCOS POPULARES E CRÉDITO AGRÍCOLA — Fábio Luz Filho 84000
 O COOPERATIVISMO E OS LATIFUNDIOS — Fábio Luz Filho. 49000
 O VERDADEIRO E O FALSO COOPERATIVISMO — Fábio Luz Filho 34000
 SOCIEDADES COOPERATIVAS — Fábio Luz Filho 104000
- POLÍTICA:**
 NO CAMINHO DA INSURREIÇÃO — N. Lenine 64000
 A REVOLUÇÃO ESPANHOLA — L. Trotsky 34000
 TEMPESTADE SOBRE A ÁSIA — L. Mantsô 34000
 REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO NA ALEMANHA — L. Trotsky 74000
 O QUE É A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO — L. Trotsky. 24000

Antes, a leitura; depois, cada qual aja como quiser.

É dever de todo o cidadão que não deseja a volta aos tempos da inquisição e dos autos-de-fé combater contra o fascismo.

COMPARECEI AS REUNIÕES DA FRENTE UNICA ANTIFASCISTA!

As Tendencias Sociais da Arte e Käthe Kollwitz

Mário Pedrosa realizou na sexta-feira, dia 16 de junho, uma conferencia sobre "as tendencias sociais da arte e Kaethe Kollwitz", no recinto da exposiçao que o Clube dos Artistas Modernos está realizando, de trabalhos dessa notavel artista revolucionária da Alemanha. "O Homem Livre" inicia, neste numero, a publicação da conferencia a que nos referimos:

A arte não gosa de imunidades especiais contra as taras da sociedade nem no seu pórtico param, sem transpô-lo, os prejuizos e as contingências mesquinhas ou trágicas do egoismo de classe. Como outra qualquer manifestação social, é ela corroida interiormente pelo determinismo histórico da luta entre os diversos grupos sociais.

Sendo o fenomeno estético uma atividade social como outra qualquer, está por isso mesmo situado, pelo conjunto de todas as outras manifestações da sociedade, isto é, por uma determinada civilização. De todos os fatores componentes de uma civilização, o unico podendo servir de critério objetivo será o que permita, na sua delimitação, um minimo de equação pessoal nas interpretações subjetivas ou fantasistas que escapam a toda prova experimental. Este é o modo de produção, ou a maneira aplicada coletivamente por um determinado grupo social num determinado tempo e lugar para produzir seu alimento e subsistência. É a atividade social primária, a primeira relação entre o homem e o meio exterior. Podemos ignorar tudo das crenças religiosas dos hiperboreanos e entretanto saber com a precisão necessaria o seu modo de produção: é um povo de caçadores.

Feita esta aquisição sociológica fundamental, é facil provar que uma determinada forma de civilização depende de um modo determinado de produção.

E. Grosse, entre outros investigadores, estudando a origem social da arte, mostrou cientificamente essa dependência. Todos os componentes que entram numa civilização dependem, aliás, ou são parcialmente redutíveis, á forma de produção. Está provado que, nos povos primitivos a um modo dado de produção, corresponde uma forma deter-

minada de arte. Esta prova foi feita estudando-se as realizações artisticas dos povos caçadores e apanhadores de plantas, que representam a forma mais primitiva de civilização. Estão na escala civilizada abaixo dos primitivos povos criadores e agricultores, cujo modo de produção tem um caracter mais organizado e mais fixo. Todos os povos caçadores, embóra vivendo em climas os mais opostos, demonstram uma impressionante uniformidade quanto ás suas formas de arte, revelando uma extraordinária aptidão e desenvolvimento da arte da pintura e da escultura e uma invulgar habilidade técnica na construção de suas armas. Os boschimanos, os hiperboreanos, os australianos, teriam perecido na luta pela vida, exclusivamente á mercê dos olhos e das mãos, si as funções e as qualidades inerentes a esse órgãos não tivessem tido um desenvolvimento que povos imediatamente superiores em cultura não alcançaram. "A maior habilidade técnica se encontra assim, nos povos que a natureza obriga a uma tensão continua de suas forças." Não é de admirar que sejam tão habéis escultores. A conclusão a que Grosse chegou é indiscutível: "o dom da observação e a habilidade são as qualidades principais necessárias ao exercicio de uma arte; são tambem as qualidades essenciais para a vida do caçador. A arte primitiva é, pois, a manifestação estética de duas qualidades que a luta pela vida devia dar aos povos primitivos e desenvolver neles."

Eis porque, entre os povos primitivos, o talento artistico é generalizado, sendo mesmo superior nos povos caçadores do que nos criadores e agricultores primitivos. Quanto á arte decorativa nos primitivos, tinha mais um efeito de simbolo e marcas de propriedade do que efeito estético ou de prazer. As decorações tomavam sempre os motivos á natureza, e especialmente á natureza viva. Um desenvolvimento ulterior nas formas primitivas de produção é assinalado pela passagem do ornamento de formas animais aos motivos vegetais. E', como disse Grosse, "o simbolo do maior dos progressos realizados, isto é, a passagem da caça á agricultura." Com a passagem a um sistema de produção mais estavel e organizado, o talento plástico decal, mas um novo elemento estético surge — a ornamenta-

ção. Uma técnica nova aparece na arte de fazer cêstos. Os motivos vegetais então generalizam-se, e surgem os motivos técnicos, tomados ao progresso de certas formas de trabalho organizado. Uma das conclusões mais positivas da história do desenvolvimento estético é que, enquanto os motivos técnicos se enriquecem progressivamente, os motivos naturais vão empobrecendo. Assim, o estilo geométrico observado em certas figuras primitivas, sobretudo australianas, é uma consequência direta da técnica da gravura desses povos.

Desde a primeira fase em que a atividade estética foi estreitamente condicionada ao modo de produção, e não se separa como uma atividade á parte da técnica, até a atual, em que esta ultima exerce uma influência predominante e assenhoreou-se do homem — a tendência é para substituir a natureza nos motivos decorativos. Semper chegou mesmo a instituir em lei do desenvolvimento estético a afirmação de que o estilo artistico dos povos depende sobretudo da técnica.

O trabalho socialmente organizado desenvolve a técnica, instrumento social a serviço da produção, que começa a surgir como um dos fatores mais decisivos da civilização.

Entre os primitivos, a atividade artistica era presa ao desenvolvimento da técnica embora rudimentar; mas então o contacto do homem com a natureza era tão estreito que tinha uma aparência quasi pessoal. Mal surgirá então o primeiro utensilio para pôr uma separação entre o individuo e o mundo ambiente. E por isso as formas de arte e os motivos estéticos eram determinados pelas formas naturais que interessavam mais dirêta e imediatamente ao próprio homem — a natureza viva, animal.

A medida que a civilização avança, a separação entre o homem e a natureza cresce e o instrumento intermediário entre os dois torna-se cada vez mais complexo. Esse processo é o que Marx chamou de "formação dos órgãos produtivos do homem social". "A tecnologia revela a atividade do homem perante a natureza, o processo imediato de produção de sua vida, por consequência, suas condições sociais e os conceitos intelectuais que dele jorram". Desde que os instrumentos originaes, sai-

Ginema

Howard Hawks: — "Scarface"

(Caddo Film)

De quantos filmes o cinema americano tem dado sobre "gangsterismo", é "Scarface" o maior e mais importante, porque, como obra cinematográfica é uma grande fita, e como realização do tema constitui o grande e definitivo "documental" sobre o banditismo do contrabando de álcool; e, afinal, porque os seus realizadores fixaram em "Scarface" a fisionomia autêntica e terrível da crônica gangster, nos seus aspectos capitais, revivendo no cenário empolgante dessa produção os seus tipos mais fortes e os seus episódios mais "históricos".

O "gangsterismo" do álcool, fenómeno de super-estrutura economico-social, determinado por uma contradição significativa entre o espírito de uma lei "quaker", e o fator material de uma industria rendosa que havia de subsistir pelo proprio determinismo do sistema industrial capitalista, foi um tumor maligno da pleiade capitalista, rebelde á impotente terapêutica policial. E a importância deste documental vigoroso, "baseado em ocorrências reais" como diz seu letrreiro, torna-se ainda maior agora, quando a lei que determinou o fenomeno acaba de ser revogada — não por compreensão do problema, mas apenas por maneios partidários do grupo plutocrático que detem o poder americano — e essa revogação faz supor que o "gangsterismo" do álcool automaticamente deixará de existir. Entretanto, o gangster não medra somente á sombra de uma lei seca; sucederá apenas, que o banditismo do contrabando de álcool mudará de atividade, subsistindo e agindo em outros ramos, proibicionistas ou não; porque, afinal, nós não podemos conjecturar em que situação o comercio legal das bebidas irá agora encontrar as cidadelas outrora inespugnáveis dos açambarcadores ilegais...

Filme de solidíssima estrutura cinematográfica, "Scarface" foi elaborado com notavel conjugação de elementos e de valores, quer do escritor do cenário, quer do diretor geral, quer dos técnicos de aparelhos quer do quadro de atôres. Unidade perfeita de elementos técnicos e expressivos, desenvolvimento cênico firme, consequente, sempre em crescendo, atuação vigorosa dos intérpretes, tudo isso contribuiu á valorização do tema e á realização da obra-de-arte, que podemos definir completa.

A ação, sobretudo, se apodera deste filme, em todos os seus quadros, movimentados dentro de uma admirável e viva focalização de camera; ação intensa, fotografia forte e luminosa dando por vezes a sensação da cor, rico e total registro de vózes e ruidos, imprimiram um tom seguro de intensidade e efeito mesmo nos detalhes mais acessórios; perde-se a noção de estar assistindo a um filme: as cenas de violência, os episódios de assassinios traiçoeiros, frios e fáceis, a descarga precipitada das pistolas automáticas, as incursões dos bandos ás zonas dos seus rivais, o tiroteio e a saravada das metralhadoras, em pleno coração da metrópole, estrçalhando coisas e vidas, na conquista do "mercado" ambicionado, — são de um realismo chocante, sobressaltam, pela brutalidade, dão efetivamente uma sensação imediata de terror.

O comércio das bebidas, sendo transformado em contrabando, os que o exerciam vinham da sub-classe pobre, da "malavita" e de todo o ramo de aventureiro; tipos refratários, tarçados, ambiciosos, audazes, criminosos; o "gangster" Tony Camonte, de executor a mão armada por conta de chefes "gangster" passa ele proprio a ser chefe; inteligente, ambicioso, vontade férrea, ação pronta, cruel; liquida um a um seus concorrentes detentôres de outras "zonas" da cidade, conquistando-as á metralha; progride, enriquece, domina, na sua missão de açambarcador, edificando seu poder e sua riqueza em atos de prepotencia e crueldade, contra os seus iguais em audacia e violencia, que lhe obstem o passo; e a partida é sempre ganha por Tony Camonte, o mais brutal, o mais ambicioso, que açambarca o "mercado" á bala, destrói e mata quando não consegue tomar a posição que lhe resiste; possui prédios, ações, automovel, advogados, tem prestigio, é temido e admirado nos "rooms" dourados. Isso em ponto pequeno é a luta de interesses e ambições industriais e plutocráticas, para a conquista de campos de expansão; o pa-

raléio é perigoso, mas os fatores e os efeitos têm a mesma base, e os processos expansionistas dos grupos financeiros e nacionais são parecidos; a diferença está na respectiva posição perante as "razões de Estado".

Empenhados os realizadores de "Scarface" em conservar a maior autenticidade de fatos e circunstâncias, mesmo de ordem moral — sem o que o filme deixaria de ser positivamente documental — como era logico, os interesses convencionais da sociedade capitalista americana, tinham que salvar certas apparencias: tentou fazê-lo, deformando a autenticidade integral do filme, sofrendo porém dois impasses, através a censura supervisionista; o primeiro, na passagem ilustrativa mas precária da discussão, numa redação de jornal, em que se atribue "essa vergonha da nação" ao malfetorismo estrangeiro, e se julgam as origens e efeitos do "gangsterismo" mediante apreciações superficiais e inuteis, apontando-se soluções juridicas e morais contraditórias em face da propria organização juridica da federação ameri-

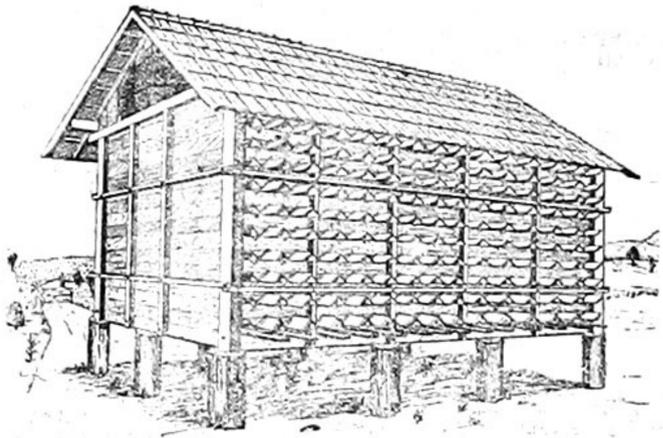
cana e da propria natureza economica-social do problema; o segundo, na passagem em que se quer deprimir o bandido em prol da policia como instituição de defesa social (e infalível), fazendo-o claudicar, pedir misericórdia, "acovardar-se", até ser, impiedosamente metralhado quando, na iminência de ser manietado readquire o valor e tenta fugir ao cerco. Primeiro impasse porque o julgamento do "gangsterismo" deve-se fundar em causas mais profundas que não o malfetorismo estrangeiro e o contrabando de armas para seu município. Segundo impasse, porque não era com o acovardamento ou não de um "gangster" e sua execução na via publica, que se havia de reivindicar a função corretiva da policia a tamanho mal. E a conclusão clara é que o "gangsterismo" do álcool, excrecencia do sistema de economia capitalista, não podia ser uma questão de policia; nem uma questão de prevenção juridica; e precisamente o contrario disso: a lei determinou o crime e teve que tolerá-lo: a prova está em que Al Capone — de que

Camonte parece um símbolo — foi condenado, não pelo crime de infração á lei seca ou pelos crimes de atentados á mão armada, mas apenas por ter sonegado ao erário o imposto sobre a renda que incidia sobre suas propriedades, propriedades essas que o Estado sabia edificadas pelo fruto do crime: disto a lei não cogitou; cogitou da exação do imposto sobre o produto do crime — e com isso consagrou-o.

A apreciação de "Scarface" não pôde passar sem a menção de seu intérprete principal, Paul Muni, em Tony Camonte, o chefe de "gangsters". A sua potencia interpretativa é a mesma que em "O Fugitivo", salvas as diferenças do argumento. Encarnou um facinora impetuoso, plêtrico, cínico, dominador e implacavel, absurdo na sua moral estranha e no seu sentimento afetivo. A potencialidade expressiva de Paul Muni está em todo o seu fisico bem organizado; fisionomia gesto e voz. Sua naturalidade ante a objetiva é absoluta: esta não existe para ele; dá a impressão que o "cameraman" tem muito que fazer para não perdê-lo do foco. Trágico magnifico, tem momentos prodigiosos em "Scarface", principalmente nas cenas do cerco ao prédio em que môra, ao lançar espantoso desafio de escárneo e luta á policia que o caça com um aparato luxuoso de máquinas, armas e gazes. Todos os atôres deste filme atuaram bem e viveram intensamente os respectivos personagens. Em toda sua contéstura, "Scarface" é um grande filme.

ALPHEU PARANÁ.

TULHA SECADEIRA SALVADORA PIZA



Rua Libero Badaró, 30 - S. Paulo

FOI ADIADA A CONFERENCIA DA PINTORA TARSILA DO AMARAL NO CLUB DOS ARTISTAS MODERNOS.

A DIREÇÃO DO CLUB ACABA DE RECEBER A COMUNICAÇÃO DA PINTORA TARSILA DO AMARAL, QUE SE ACHA NO RIO, DE QUE POR MOTIVO DE FORÇA MAIOR, FICA A SUA CONFERENCIA ADIADA PARA DATA ÔUE SERA' BREVEMENTE MARCADA.

dos por assim dizer do organismo humano, transformaram-se em acessório de um novo aparelho mecânico a sua forma tende a emancipar-se totalmente dos limites da força humana. O trabalho distancia-se das condições humanas e a técnica vai se tornando um sistema á parte, para si, independente do homem. O trabalho que no inicio era adaptado a este, começa a exigir, pelo contrario, que o homem se adapte a ele. O novo aparelho mecânico já não é mais o antigo utensilio acessório do organismo humano. Torna-se porém o instrumento de um outro instrumento mecânico. E o homem, manejador do primeiro utensilio vai tornar-se depois um instrumento, manivela de um maquinismo que ele mesmo criou.

Nesta fase do desenvolvimento da civilização, a arte decorativa e ornamental conhece o seu apogeu. Das condições do material existente e do trabalho social organizado surge assim uma multidão de formas e de figuras que foram posteriormente integradas ao dominio estético como temas e motivos artisticos generalizados. Muitas figuras geométricas, simétrias, proporções, não resultaram assim de aptidões desinteressadas do espirito e têm mais modestamente a sua origem concreta numa estilização forçada, imposta pelas condições materiais do trabalho. Já foi constatado que muitas vezes é a necessidade mecânica que cria a ilusão de uma imitação dos objetos reais; uma certa disposição do traçar de juncos podia sugerir a idéa de escamas ou a forma do peixe; um pedaço de concha usado pelos australianos para as suas gravações podia explicar perfeitamente que a figura gerada não fôsse feita em traços puramente realistas.

Na musica e na dança, a influência do trabalho organizado é talvez mais visível ainda. Karl Buecher, definindo do ponto de vista estético o trabalho como "todo movimento do corpo que produz fóra de si mesmo um resultado econômico", mostra que é ele o elemento fundamental para as três formas ritmicas essenciais — a musica, a poesia e os movimentos corpóreos. Sobre estas formas, mais do que a técnica, a própria maneira de ser do trabalho exerce uma influência preponderante. E' observação corriqueira que todo trabalho coletivo simultâneo toma necessariamente um desenvolvimento ritmico.

Assim, enquanto a técnica não foi de todo separada da condição humana, o trabalho e a arte não se separaram. Enquanto a mão do homem pode exercer uma ação diretriz sobre a técnica e os instrumentos-máquinas, a arte não perdeu o seu carater eminentemente social. Essa fase do modo produtivo e da técnica coincidiu com a eclosão da grande arte social da Grecia e, mais tarde, com a arte interessada e religiosa de Idade Média, que, com o recuo do desenvolvimento técnico, se aproximou da arte primitiva.

Revolucionado o modo de produção, com o desenvolvimento do regime capitalista nas cidades e nos portos, abertos ao comercio do mundo, novas condições sociais e técnicas foram impostas aos homens. A economia de consumo da sociedade feudal transforma-se numa economia eminentemente produtora. Agrava-se com ela a dissociação entre o homem e o trabalho social.

Até então, senhor de seu instrumento de ação sobre a natureza, isto é, seu trabalho, o homem é afinal apartado deste. O trabalho e o trabalhador começam a ter destino separado. O carater social daquele despe-se dos restos de seu subjetivismo antropomórfico. O trabalhador perdeu a propriedade da produção, isto é, do resultado do seu trabalho. O modo de produção passou a ser cada vez mais indiferente ao próprio destino pessoal dos trabalhadores. As novas condições econômicas surgidas com a introdução da nova economia capitalista provocam por sua vez uma extraordinária revolução na técnica. As ciências físicas têm então um extraordinário desenvolvimento. Começa a expirar a era da manufatura. A máquina a vapor é inventada. A produção da máquina por meio da máquina é instituída, ao apresentar-se o problema de produzir mecânicamente uma série de formas geométricas necessárias ás diversas partes da máquina: a linha, o plano, o círculo, o cilindro, o cône, a esfera, etc. Chegava-se aqui ao fim do ciclo humano da técnica e da produção. A mão do homem foi definitivamente destituída de sua função condutora na produção. As próprias figuras geométricas mais complexas passaram a ser produzidas sem o auxilio dela. Completamente mecanizada, a técnica atinge um formidável grau de adiantamento e de despersonalização. As formas, em marcha

para a abstração, acabam existindo por si mesmas, perdendo a ganga subjetiva com que nasceram. No mais alto grau de sua evolução, a forma é inteiramente determinada pelo principio mecânico, tornando-se totalmente independente do antigo aspeto originário e tradicional de um instrumento primitivo que se transformou em máquina. Toda forma mecânica em seu inicio revela a sua origem quasi humana e impressionista. As leis da estética seguem nesse sentido as leis da mecânica. E toda forma só encontra o seu apogeu quando é determinada pela função especifica de sua matéria e do principio vital desta. Pode-se dizer que ela evolue da sensibilidade para o pensamento abstrato.

Deshumanizado completamente o trabalho social, pouco a pouco despoetiza-se, e o seu ritmo não é mais determinado pelo ritmo do esforço humano. Extravassando da medida do homem, cai sob as leis do ritmo mecânico. A sua abstrata exclusividade econômica passou a dominar de modo absoluto, indifferente á sorte, á vontade e aos dons pessoais do trabalhador, até transformar-se na abjecta escravização industrial do regime capitalista. E' aqui que se apresenta, no desenvolvimento industrial moderno, o tremendo "paradoxo": o mais poderoso dos meios de libertação do homem da escravização á natureza transforma-se no meio mais infalível de escravizar o homem, isto é, o operário, á sociedade, isto é, ao capital.

Entretanto, Aristóteles julgava que, si o instrumento pudesse por si mesmo, mecânicamente, executar as nossas ordens, como outrora as obras primas de Dédalo se moviam por si e as tripeças de Vulcano se entregavam espontaneamente ao seu trabalho sagrado, "o mestre não teria mais necessidade de companheiros, nem o senhor de escravos". Do mesmo modo, Antiparos, poeta grêgo do tempo de Cicero, "saudava o moinho de agua, destinado a moer o trigo, como o libertador dos escravos e o restaurador da idade de ouro". Mas Marx observa, que esses pagãos não podiam ter a menor idéa da economia politica. Nem tão pouco da existencia da classe capitalista.

Eis ai o processo seguido através da história nas relações entre o trabalho e a arte. A sua unidade originária foi perdida. A função social da arte decaiu. Abria-se a era do culto impessoal da forma. (Continua no proximo numero.)

O Nacional-socialismo

O programa nacional-socialista, publicado em 25 de fevereiro de 1920 no „Hofbräuhaus“, de Munich, por Adolfo Hitler, compreende 25 pontos que se podem reunir em quatro diferentes: aspirações naturais, medidas anti-semitas, exigências econômicas e social-políticas, e, finalmente, as que devem preparar o caminho à ditadura.

“Queremos — diz o primeiro ponto — a união de todos os alemães para formar uma Pan-Alemanha à base de uma autonomia dos povos”. Quem, dentre os alemães, não desejaria isto? Um desejo semelhante chega a ser tão somente um ponto de programa de um partido, se está “fundado”, isto é, se este partido faz profissão de realizar suas suposições. O mesmo se refere aos pontos segundo e terceiro: “Queremos a igualdade de direitos do povo alemão perante as outras nações; a anulação dos tratados de paz de Versailles e Saint Germain”. “Pedimos solo e terra (colônias) para a alimentação de nosso povo e abrigo para o excesso de nossa população”. Única possibilidade de realizar hoje esta exigência seria por meio da guerra, insustentável para uma nação desarmada e exangue, ainda que ela o desejasse. Todas estas frases, que são desejos pouco sérios, possuem tão só um valor demagógico num programa político.

Valor demagógico é também o dos pontos anti-semiticos, que se podem converter em fato imediatamente, e pôr em circulação, em seguida, apresentando aos descontentes da atual posição econômica um “culpavel”, e despertando a ilusão de que, espulsando os judeus, ajudar-se-á à Alemanha.

Para muita gente esta atitude tem a vantagem especial de se vêr “de onde e como” lhe advém força e movimento para a causa. Desde o ponto de vista histórico e social trataremos o problema dos judeus num capítulo aparte; agora desejamos somente designar a significação política dos pontos quarto e oitavo do programa nacional-socialista. Nêles se diz que nenhum judeu pôde ser cidadão. Como não-compatriota, vive sob uma legislação para estrangeiros (como antes da guerra os judeus na Rumania, que viviam como estrangeiros sem proteção consular) não goza dos direitos de cidadão e pôde ser espulso em períodos de miséria econômica, da mesma forma que outros estrangeiros. O ponto 23 exige a eliminação dos judeus da imprensa; quer-se também proibir-lhes a aquisição de terras. As consequências efetivas deste programa outras não foram que as de dar lugar às frases: judeu porco, piolho e canalha, à profanação de sepulturas judias em 80 cemitérios e outros semelhantes atos de cultura. A transformação destas pretensões em leis, resultaria para a vida da população nas mais graves desordens. Em primeiro lugar, a eterna discussão sobre si um judeu é judeu ou bastardo de judeu, com os inevitáveis suplementos de coações; além disso, a situação forçada

para os judeus, de concretizarem-se, no ponto de vista econômico, absolutamente ao comércio e à posse de bens móveis; e isto seria a agravação de uma situação que se pretende acabar. Fora disso, verificar-se-ão periódicas orgias de espulsão com a correspondente quebra do sentimento de justiça, como irremediavelmente surge de toda relação que entregar homens indefesos à mercê de outros homens. Seria uma catástrofe para a Alemanha a realização dessas pretensões. Note-se, contudo, que o partido nacional-socialista recebe abundantes subvenções de parte dos judeus. Encontra-se judeus entre os homens mais competentes de sua imprensa, como o redator do „Voelkscher Beobachter“ de Trentschin-Teplitz, sr. Felix Hollander.

Exige-se também a espropriação dos bens adquiridos sem esforço e sem trabalho. Simplesmente, sem base nem explicação. A seguir, a confiscação total dos lucros de guerra, a fiscalização dos “trusts”, a participação nas rendas das grandes empresas, criação e conservação de uma classe média sã, a reforma agrária, a abolição de rendas e a proibição de especulações sobre terras. A pena de morte, para especuladores e usurarios.

Ao lêr este programa, involuntariamente se tem a impressão de que algumas pessoas sentadas num bar e tomando cerveja, se hajam reunido para dotar com um programa econômico o partido projetado, tomando em consideração tão só seus desejos e seu estado de ânimo. A confiscação dos lucros de guerra é uma coisa que sempre encontrará a aprovação de quem tenha o sentido da justiça, por ser repugnante que os imensos sacrificios de sangue e de bem-estar de alguns se transformem em riquezas de outros. Sem embargo, ao conhecer as íntimas relações dos nacional-socialistas com a grande indústria se torna incompreensível esta pretensão.

O projeto da fiscalização dos “trusts” pôde considerar-se apenas e só como um delírio sobre a plana superfície da fraseologia nacional-econômica. Em sua grande maioria os “trusts” são internacionais e compreendem as regiões de produção do mundo, paralyzando sem miragens nacionalistas as explorações menos lucrativas e repartindo entre si os mercados. E' preciso atentar-se nos “trusts” de petróleo, de anilinas, de seda artificial, todos êles querendo abarcar a produção do mundo inteiro. Não é muito facil poder fiscalizá-los. Evidentemente se trata, neste ponto, das grandes empresas das sociedades anônimas. Em vista das relações dos nacionalistas com os capitalistas das regiões carboníferas do Ruhr, tão pouco este ponto parece ser muito sério; como tão pouco o tomam a sério os que se acham ameaçados com a confiscação em favor do Estado.

No ponto 14 exige-se a “participação nos lucros das grandes empresas”, porém não se diz quem é que irá participar. Trata-se, com certeza,

dos trabalhadores e dos empregados. Pedido semelhante sempre produz boa impressão. Constitui uma forma de aumento de salários, que na America se aplica alguma vez, e que se concede nos trabalhadores apenas nas empresas onde se lhes outorga empreendimento. E é precisamente o nacional-socialismo que está explicitamente contra a concessão dessa interferência. Quer dizer que, para um novo estado de cousas, este principio não tem muito valor, pois somente se poderia realizar instruindo na técnica da empresa os trabalhadores, e isto é precisamente o que os nacional-socialistas recusam com energia.

A pretensão de “crear e conservar uma classe média sã” é tão vaga e difusa como o é a própria classe média, desde a guerra, e a inflação, pôsto que, ao diminuir sua possibilidade de ganhar, se converteu porisso em classe proletária, apesar de sentir-se alheia a esta, em razão de sua tradição e sua educação. Nesta classe média, que perdeu seu chefe, o nacional-socialismo procurou e encontrou seu Estado-maior-general. De forma que em seu programa tem que lhe oferecer pontos que lhe agradem. Porém, que pobres e miseros pontos! No ponto 16 encontramos o seguinte: “Comunização imediata dos grandes armazens e seu aluguel a preços baratos, para pequenos industriais”, e consideração mais atenta de todos os pequenos industriais na concessão dos cargos do Estado e das comunidades”. Imagine-se o grande armazem Wertheim, em Berlim, ou o Armazem do Oeste, sob este sistema. Seriam divididos entre pequenos negociantes que, como comerciantes da cidade de Berlim, desbancariam outros comerciantes, de forma que deixando de ser “parados” converteriam outros em “parados”; ao mesmo tempo, ser-lhe-ia impossível comprar mercadorias com os seus reduzi dos meios pecuniarios e técnicos, formando inumeráveis pequenos estabelecimentos independentes e amontoados sem nenhuma conexão. Tão pouco seriam capazes de competir com os grandes estabelecimentos que, por não pertencerem a judeus, escapariam à comunização. Dêsse modo estaria igualmente consagrados à ruína, como estão hoje, todas as pequenas empresas. Ao realizar-se a “mais atenta consideração dos pequenos industriais” sucederia o seguinte: ou seriam obrigados a vender aos mesmos preços das grandes empresas, o que acarretaria na sua miséria, ou deveriam vender apoiados nas arcas do Estado, o qual logo seria obrigado a resarcir-se por meio de impostos. Isto tudo, em luta contra um fenómeno como é hoje o aniquilamento da classe média, parece-nos pouco eficaz.

(Continua no proximo numero)

ODA OLBERG

(do livro “Nacional Socialismo” Critica do movimento fascista alemão”. Dedalo, Madrid, 1933).

Glencia

Esta'se afrouxando a Rotação da Terra?

Desde ha muito tempo, os cientistas vêm perguntando se a duração do movimento do nosso globo sobre si mesmo, seja imutavel e invariavelmente fixa em 24 horas. Estando conforme a hipótese emitida por Georges Barwin, filho do grande biologista, a velocidade da rotação da terra deve ter sido, em outras épocas, muito maior e deve ter havido um tempo em que o dia, como a noite, durava quatro horas apenas. Esse afrouxamento constante da cadencia da rotação terrestre explica-se pelo choque poderoso que sobre a superfície da terra produzem as massas de agua nas marés. Nesse caso, portanto, a lua ameaçaria parar completamente um dos principais movimentos do nosso planeta.

Evidentemente, essa catástrofe não é iminente. Alguns calculos feitos permitem supôr que o periodo de rotação da terra sobre si mesma se prolonga de tres a quatro segundos cada mil anos. Por quanto insignificante se nos afigura essa diferença, não é todavia menos verdade que ao cabo de varios milhões de anos, esse afrouxamento resultaria nua paraliza-

ção definitiva. A supressão do movimento rotatorio que regula as condições climatericas do nosso globo assim como a recepção da luz solar, modificaria completamente o aspecto da terra. Um emiserio ficaria submergido na noite eterna, enquanto o outro permaneceria exposto constantemente à ação do sol. Por conseguinte, toda a vida organica, que nada mais é do que uma função da luz solar, ficaria limitada sobre um unico emiserio.

Numa recente reunião da sociedade sueca de astronomia, essa questão foi novamente posta em foco. Procedendo-se à revisão das hipóteses e dos calculos anteriores, ficou, até nova ordem, estabelecido que o movimento de rotação do globo terrestre não ameaça reduzir a zero sua velocidade. Parece que, de fato, um periodo de afrouxamento, limitado a 250 anos, é seguido por um outro periodo, éste de aceleração, de forma a contrabalançar assim a perda anterior.

(Ilustrowany Kurjer Codzienny, de Cracovia.)

C. I. SOUZA NOSCHESI S/A

FABRICANTES de APPARELHOS SANITARIOS e DOMESTICOS

SÃO PAULO

RUA JULIO RIBEIRO, 33

Telefones: 3-0378 e 9-2167

Loja: S. Paulo - R. Libero Badaró, 15 - Tel. 2-2966 - E. T. Fundação

Fol Afnal Reconhecida a Inocencia de Tom Mooney

Os ultimos telegramas chegados dos Estados Unidos informam que Tom Mooney foi posto em liberdade.

Vitima de uma provocação policial, que durante a guerra fazia parte da campanha contra os “vermelhos”, Mooney ficou por dezesseis anos na prisão, em companhia de Warren Billings.

A opinião liberal, por diversas vezes reclamou a revisão do processo, o que sempre foi negado. Mas, pouco a pouco, as provas do “frame up” policial tornaram-se mais numerosas e a inocencia do militante sindical em relação ao atentado que determinou a sua condenação appareceu aos olhos de toda gente.

Se a justiça da California — diz “Mondo” — reconheceu afinal a inocencia de Tom Mooney, é que o movimento de protesto internacional tornou-se, nestes ultimos mezes, cada vez mais poderoso. Mooney deve a sua libertação muito mais à ação daquêles que em todos os países promoveram a sua defesa do que à equidade dos juizes californianos.

Absolvido, Tom Mooney não está ainda em liberdade, mas a primeira etapa, que é a mais importante, está vencida. A ação em seu favor, contudo, deve prosseguir.

O espirito de contradição e a morte do tio Fritz

Inquieto pela sorte de sua familia, que se encontrava na Alemanha durante os recentes acontecimentos politicos — conta “Lu” — um socialista austriaco dirigiu aos seus uma carta, via aereu, pedindo noticias.

No fim de quarenta e oito horas, a resposta chegou:

“Tudo vai na melhor maneira possível. A situação economica é satisfatória. As historias relativas a atrocidades não passam de lendas. O tio Fritz, que era de opinião contrária, acaba de falecer. Afetuosamente, Hans.”

DRS. BRUNO BARBOSA e SILVEIRA MELO

Advogados

Rua São Bento, 58 - 2.º andar
Tel. 2-3780

Casa Kliass

Praça Ramos de Azevedo, 18

Tel. 4-0687

Tipografia Frankenthal

RUA JOSE' PAULINO, 49

Tel. 4-8066

DR. BRAZ SOUSA

Advogado

PRAÇA DA SE', 3 - 2.º andar

Tel. 2-4411

A INEXISTENCIA DA ALMA

NOVO LIVRO QUE TRATA DA REALIDADE DA VIDA

ACHA-SE A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Preço 3\$000

Pelario Nova - York

Tel. 4-8942

Barão de Itapetininga, 50

PELES KLIASS

Ultimas novidades em

Manteaux — Jaquetas —

Copos — Echarpes

Itapetininga, 44 - Tel. 4-4517

Frederico Gámbara

ADVOGADO

Praça da Sé 6 — 2.º sob.

Tel. 2-2157

Ester Perez

Parteira Diplomada

RUA CAIO PRADO, 57

Tel. 4-7110

A Policia Carioca Ensaia Métodos Fascistas

A policia carioca vem de pôr em pratica um ato que se reveste de puras formas fascistas, e contra o qual “O HOMEM LIVRE”, como defensor das liberdades democraticas e como órgão antifascista, não pôde deixar de se usurgir.

De fato, a ordem do chefe de policia Felinto Muller, obrigando as associações de classes a realizarem as reuniões na presença da policia, é um atentado violento contra a liberdade de pensamento, reunião e associação. Porisso, “O HOMEM LIVRE” consigna aqui o seu veemente protesto contra o ato da Chefia do Policia do Rio de Janeiro.

Srs. Editores!

Para a edição dos seus livros, procurem a

Gráfica Paulista

de JOÃO BENTIVEGNA
42, RUA DA GLÓRIA, 42

Eis o telegrama:

RIO, 26 — Com relação às reuniões de associações do classe, o capitão Felinto Muller, chefe de Policia do Distrito Federal, baixou a seguinte portaria:

“Com relação às reuniões de associações de classes — Sendo a policia agente de vigilancia da segurança publica e assim o órgão pelo qual o poder executivo age na repressão contra as ações corrosivas de elementos de agitação e de propaganda destas ideias extremistas que atentem contra as bases de toda a organização social; considerando que a propaganda dessas ideias é de preferencia feita no seio das classes laboriosas e ordeiras do paiz; determino que nenhuma assembléa ou reunião de classe se realize sem a previa autorização da Delegacia Especial de Segurança Publica e Social.

A associação, syndicato ou federação solicitará, por escripto, para esse fim, com antecedencia, a referida delegacia, a necessaria licença, consignando dia, hora e local.

Deferindo a petição, será designado um representante da mesma delegacia para comparecer à reunião

A POLITICA DO TERCEIRO REICH

"A FRANÇA INFESTA A EUROPA"

Para salvar a Europa, em primeiro lugar é preciso reavivar e reforçar as fontes setentrionais das forças europeias, a saber, a Alemanha, os países escandinavos, a Finlândia e a Inglaterra.

Pelo contrario, a influencia da França cuja população do Sul é fortemente mesclada de negros, deve ser enfraquecida a tal ponto, que cesse de ser o campo de invasão dos Africanos que ela constitue hoje mais do que nunca. É preciso que os Estados setentrionais que eu citei, e os Estados Unidos com eles, compreendam essa condição de desenvolvimento de sua pujança. Poder-se-ia assim evitar uma guerra entre a Alemanha e a França, restituindo a França ao seu destino, isto é, a sua lenta extinção, antes que ela possa infestar o mundo inteiro.

O REINO-UNIDO E' GOVERNADO PELA JUDIARIA.

Hoje em dia, desde que em Londres os Judeus determinam, da City, a politica britânica, e ao mesmo tempo lhe fornecem os "chefes proletários", a politica inglesa já perdeu sua firmeza.

A CHARRUA ALEMÃ ESMAGARA' POLACOS E TCHÊQUES

Nessa luta pela existencia, pela honra, pela liberdade, pelo pão de uma nação creadora como a Alemanha, não se pôde ter em conta os povos impotentes, sem valor e insolentes como os Polacos e os Tchêques.

É preciso acessá-los a Leste, afim de fazer lugar para a charrua do camponês alemão. Não é sinão assim que se poderá dar ao povo alemão, que sufoca num territorio muito pequeno, a possibilidade de respirar livremente. Não é sinão assim que se iniciará uma nova era da cultura do homem branco.

(Alfred Rosenberg — "Das Mythes des XX Jahrhunderts" — München, 1932, pag. 625/662.)

Para matar ilusões...

Mussolini e os Judeus

Existem por aí, uns cidadãos israelitas que admiram Mussolini e que, sem conhecer a historia, o consideram amigo dos judeus só porque o "Duce" selvagem não os aniquilou em massa como o está fazendo Hitler na Alemanha. No entanto, Mussolini matou, aniquilou, no sentido trágico e literal da palavra, massas de comunistas, socialistas, democratas, maçons e proletários, e entre eles foram, de roldão, muitos judeus. É certo que esses cidadãos que endeusam a Mussolini, — e certamente também a Hitler no fundo do coração, — não pensam por conta da raça que não dizer de Kautsky é o combustível mais adequado da revolução, pela situação de sua dupla injustiça, de raça e de classe, mas pensam por conta da classe que chamou Mussolini a magarefe de operários e — maçons para tapear — e a Hitler a carneiro de operários e — judeus, também para tapear.

Mas, para esses judeus, que posam em boa fé se embasacar com a grandeza de Mussolini e com a sua magnanimidade, vamos fazer algumas considerações oportunas.

1. — Por motivos que não vêm a pélo recordar, o italiano é, dos povos da Europa, um dos menos antisemitas. A sua relativa tolerancia para com os judeus data de seculos. Os papas do fim da medievalidade, entupidos até a garganta pelo ouro dos judeus peninsulares, costumavam ser menos realistas do que o rei e interceder, evangelicamente, em nome de nosso senhor Jesus Cristo, diante dos monarcas católicos de Portugal, Castela e Aragão, ávidos de dinheiro com que pagar as suas dividas e tapar os seus orçamentos deficitários, para que fossem mais mansos na extorsão do ouro judaico.

2. — Os Estados Pontificios sempre demonstraram uma certa camaradagem com os usurários judeus que competiam com os agiotas do mais alto clero italiano. Conta-se mesmo, que algumas republicas da velha peninsula preferiam os onzenários judeus aos cristãos. Em 1430, os funcionarios municipais de Florença, convidaram os banqueiros israelitas a se estabelecerem em sua cidade afim de reduzirem a taxa de juros de 33% a 20%...

3. — Tempo em fóra, a existencia dos judeus na Italia se foi tornando viável, até que acabaram por se confundir com o meio ambiente, perdendo as chamadas características da raça, adaptando-se, assimilando-se, aglutinando-se até uma nacionalização tão perfeita, que o judeu italiano, ao contrario do que sucede em certos países da Europa, onde se fazem sentir as exceções e os aviltamentos, ditados por preconceitos que a burguesia timbra em manter para explorar em ocasiões adequadas, o judeu italiano, antes de ser judeu, é italiano.

4. — São fatos, estes, importantísimos, que não podem ser esquecidos quando se considera a causa pela qual Mussolini, não é tão francamente antisemita como Hitler.

5. — Ocorre ainda outra circuns-

tancia que mantém ao longe as possibilidades de uma luta aberta e declarada contra os judeus pelo fascismo italiano: é a do seu numero. A insignificancia numerica do judeu na Italia, é manifesta. Para uma população de 40 milhões de habitantes na Italia, a população de judeus é infima: — 35 mil. Na Alemanha, para uma população de 58 milhões de habitantes a população judaica é de 600 mil. Isto é: na Alemanha o judeu forma 1,03 por cento da população global. Na Italia, 0,08 por cento da população global.

6. — Além do mais na Italia, a importancia qualitativa do judeu contabalança com a sua importancia quantitativa: ambas, infimas. Poucas figuras de pról na politica, nas artes, nas ciencias e na filosofia. Os chefes da politica, os grandes nas atividades do espirito são genuinamente italianos. Em nenhum dominio desempenharam jamais os judeus um papel de direção excessiva. Aflorem aqui e ali, nomes preeminentes de judeus e quasi todos dentro do campo burguês: L. Luzzatti, Sonnino, Lombroso (este era socialista) Polacco, Romanin Janur, intimo de Pio X. Penetrando mais no passado encontram-se tipos judeus representativos na politica italiana: no final dos anos 40, Daniel Manin; Isaac Artom, accessor de Cavour; e S. Barzilai, patrioteiro ardoroso. Mas são poucos. São raros. E pela tolerancia são mais italianos que judeus. Em certo sentido, assimilados.

Na Alemanha, é bem ao contrario. O rosario de nomes illustres é longo e brilhante.

7. — Ainda outra consideração de monta: os chefes do socialismo, os responsaveis das lutas sociais na Italia, embora contando com nomes judaicos, não apresentam sequer um tipo de grande liderança. Na Alemanha, a Social Democracia e os movimentos todos da vanguarda proletaria contam com silhuetas de formidável projeção politico-social internacional. De Marx e Lassale, a Rosa e Liebknecht, "o heroi imortal", segundo Trotsky.

8. — Em conclusão: Mussolini, na Italia, não encontrou massa judaica com que tapear a supressão violenta dos movimentos operários.

Mas apesar de tudo isso, pode-se afirmar que Mussolini, dentro das suas possibilidades, dentro da tolerancia italiana para com os judeus, é também um antisemita. Dos seus planos de corvo reacionario fazem parte as explorações de todos os preconceitos sociais: patrióticos, religiosos, raciais, etc. E no que respeito diz aos judeus aqui está o depoimento insuapeito do correspondente de "Le Temps", o órgão do ultra-conservadorismo da França burguesa, em Roma:

"Convem notar, todavia, que desde a fundação da Academia de Italia, nenhum judeu foi chamado a nela professar. Sábios de renome universal como os professores A. da Setti, creador da ciencia da prehistoria italiana, G. del Vecchio, professor da

MUSICA

"Quintino Guimarães disse"

Um sofrêdor de mazélas por si e por terceiros, ha dias, defendendo o pianista Brailowsky e insultando Mário de Andrade afirmou que São Paulo não tem critico senão "os de sam-binhas". Quintino Guimarães, que é algum superfluo frequentador de concertos e que indica ter viajado um bocadinho, afirma ainda que "em vez, na Oropa, não é assim." A frase feita, conquanto seja desesperadamente velha não atinge a ninguém porque a autoridade de quem a escreve não foi comprovada, "et pour cause"... Nós não damos respostas pelo jornal diario. Não a daremos porque é pela própria leitura da observação que Quintino Guimarães fez sobre Tchaikowsky que se vê a paixão com que o sizado observador investiu contra o meu colega do "Diario de São Paulo". A caricatura sofrêdora do sr. Quintino Guimarães! Não tenho todavia a minima preocupação no momento em que escrevo estas palavras espinafrando o protetor dos musicos que agora se constitui em advogado e patrono deles.

Quintino; não adianta tudo o que você diz. Nós sabemos que não foi bem isso o que você quiz dizer. Não ha criticos, é verdade. É porque o sistema de nossos jornais é avesso á tecnocracia mais rudimentar, a ponto de serem entregues as seções de futebol e musica ao redator Tal quando passou pelo jornal Tal. Não importa isso.

Você pague criticos melhores e telos-á ás mancheias. Mas ver-se o trabalho da gente plasmar-se á linha das mediocridades domingueiras, não é papel digno de homem que tenha a competencia necessaria para brilhar como critico na nossa imprensa diaria, propagadora do boicote e da ignorancia feacira dos larousses de aldeia indigena. Não era preciso, "seu" Quintino, que você viesse abrir os olhos sobre esta verdade. Mas a culpa não é dos criticos, nem dos redatores e nem dos donos dos jornais. É de um mal remoto, indefensável, como seja o fato do jornalismo ser a maior aglomeração de iludidos e presunçosos que o céu cobre. Aposto que "seu" Quintino é jornalista! Veja! Até "seu" Quintino é jornalista! Vejamos. Portanto não é oportuno pretender mais da nossa critica. Para jornais como os nossos, basta o que eles publicam, orientando ou desorientando mesmo; "seu" Quintino, passe muito bem!

Fernando Mendes de Almeida.

CONSELHO DE DESORIENTADOS

É com grato prazer e insofismável satisfação moral que dou aqui um toque inicial sobre a momentosa questão da notavel sociedade de filopausa denominada Conselho de Orientação Artística que varias feitas se tem reunido para um "cocktail". O Conselho de Orientação será um ligio conjunto de homens para conselho.

F. M. A.

filosofia do direito e antigo reitor da Universidade de Roma e membro de outras parecem feridos, sinão de ostracismo, no menos de um esbulho sistematico. Todos os judeus italianos notaram igualmente que nestes ultimos tempos a imprensa fascista tendeu a considerar a repercussão mundial do anti-semitismo como fruto de uma verdadeira denigração judaica cujo fim não é outro que caluniar o movimento hitleriano de regeneração nacional.

Pode-se ser mais antisemita? Quer, justamente como fazem os alemães de Hitler, tomar a vitima pelo carrasco? Assim mesmo, argumentava uma zebra alemã, que andou zurrando infamias pelas colunas do "Diario da Noite". Os bandidos reacionarios de Mussolini e de Hitler procedem da mesma forma. Hitler e Mussolini não são tipos historicos em funções diferentes. A missão de ambos é a mesmissima: um matando maçons outro matando judeus e ambos por esse geito aniquilando os movimentos de vanguarda proletaria que são os movimentos historicos em favor de uma humanidade mais digna mais evoluida e mais perfeita.

J. P.

ARTE

Conferencias sôbre arte nas exposições

"O Homem Livre" começa noutro lugar dêste numero a publicar uma conferência de Mário Pedrosa sôbre a exposição de Kaethe Kollwitz, a artista alemã que tem uma coleção de trabalhos expostos agora no salão do clube dos artistas modernos.

Quando sair esta edição Tarsila do Amaral também já deve ter feito uma conferencia no mesmo Clube, também sôbre a arte de Kaethe Kollwitz. Está em fóca a arte socialista de Kollwitz, expulsa da Alemanha pelo emulo sanguinário de Mussolini, e o Clube fez muito bem de convidar pessoas que pensam com a sua cabeça, para realizar palestras para os socios e frequentadores da sociedade da rua Pedro Lessa 2, irem ganhando mais elementos com que compreender a importancia de uma arte revolucionaria como a de Kaethe Kollwitz no momento do mundo.

É uma pratica saudavel e muito inteligente que precisa de ser repetida noutros lugares e noutras exposições. Não é só também de arte sob o ponto de vista social que carecemos da difusão de noções, mas também sob o ponto de vista técnico e sob os aspectos historicos das fases mais atuais do movimento artistico mundial.

Sendo muito caros os livros modernos e dificeis de adquirir, os pequenos nucleos de pessoas informadas que aqui temos ou que frequentam esses clubes de arte moderna, deveriam trabalhar assim pela divulgação de noções, ideias, fatos historicos, que fossem criando um ambiente de interesse geral capás de fazer diminuir um pouco o sono que dormem por aqui professores e alunos de belas artes e que contagia facilmente consideravel parte do publico.

"ATELIERS" DE ARTE MODERNA

Embora num sentido mais retrito do que a questão que deixamos na nota anterior é louvavel a ideia que o pintor Gomide noutro dia publicou em entrevista num vespertino da Capital. Disse Gomide que ia fazer um

curso de pintura cubista para as pessoas que não sabem pintar nada, ou que dizem que não sabem. A ideia de Gomide ainda não foi posta em pratica, mas pelo que ele disse, parece que o curso teria interesse para o numero legião de nossos desenhistas e pintores e alunos de pintura que não sabem nada de arte moderna "Ateliers" de arte moderna onde se espalhassem noções teoricas e técnicas, são muito necessarios aqui, para se pôr um pouco em dia o nosso franciscano meio artistico.

Lásar Segall que voltou da Europa ha um ano deve ter quasi pronto o seu "atelier". Quem sabe se esse pintor não poderá mesmo realizar uma coisa de valor e de interesse, no sentido da divulgação da arte moderna?

Seus cursos, se é que ele os vai realizar, mereciam e, creio, teriam imenso interesse, porque se trata de uma personalidade notavel, a mais discutida que tivemos até agora aqui.

GERALDO FERRAZ

A EXPOSIÇÃO DE KAETHE KOLLWITZ NO CLUB DOS ARTISTAS MODERNOS.

A exposição de Kaethe Kollwitz continua aberta e muito visitada no Club dos Artistas Modernos á rua Pedro Lessa 2. Muitos interessados e criticos de arte têm accorrido para ver a obra de Kathe Kollwitz que se reveste sobretudo de um carater social. Kathe Kollwitz se preocupa sobretudo com a miseria e a dor que sem duvida ela considera os grandes fatores revolucionarios da humanidade; a sua arte excita a imaginação para a solução dos problemas sociais do homem, etapa que leva o observador para o campo filosofico do pensamento.

em uma grande loja e convidam o dono a subscrever em favor do Partido Nacional-Socialista. O convidado pede para ver a autorização. Um nazista saca então do revolver: "Aqui tem a autorização!" e puxa o gatilho.

O conhecido lider revolucionario Thaelmann foi preso nestas condições: achando-se muito abatido, quiz ver seus amigos X. e Y.; foi acompanhado e os tres foram presos. Os fascistas ainda se encontravam na casa, quando apareceu um quarto companheiro com quatro passaportes, sendo então preso também.

Durante as perquisições levavam todos os livros "marxistas", que eram rasgados e jogados pela janela, fazendo depois uma fogueira com eles. A biblioteca da Casa dos Sindicatos de Leipzig foi queimada publicamente na praça da feira.

Os reformistas são forçados a queimar as proprias bandeiras, na presença de todos.

O abatimento é profundo nos meios socialistas e comunistas. As seções de assalto fazem expedições diarias pelos diversos bairros da capital. Em Charlottenburg, elas esbordam e matam abertamente, em plena rua os revolucionarios ativos, enquanto os companheiros assistem paralizados e aterrorizados. O me todo italiano do oleo de ricino começa a ser aplicado sistematicamente; martirizam-se as pessoas e matam-se os que fogem. O terror principia nas fabricas, onde a vigilancia e a espionagem aumentam a cada hora. Eis aí a imagem ao vivo do "desperter do terceiro Reich".

Obrigação — Bonus Promissórias

C. I. T. A. mantem um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos titulos publicos.

Façai vossos negocios por intermedio de

C. I. T. A. LDA.

Direção do Percy D. Levy
São Paulo — Santos — Rio
Caixa Postal 3740 (S. Paulo)

Vozes da Alemanha

Em 16 de Março de 1933.

A VERDADE SOBRE A VITÓRIA FASCISTA.

BERLIM — Maio — Não é possível falar-se no estado de espirito reinante entre as massas. Os militantes proletarios sentem-se abatidos e procuram as causas do desastre. Os dois grandes partidos da classe operaria estão completamente desorientado e sem direção. O terror excede de muito o que dizem os jornais estrangeiros.

Todos os presos, sobretudo os deputados são espancados bestialmente. Um destes teve os ossos duma perna tão esmagados que foi preciso amputá-la.

Quando as pessoas procuradas não são encontradas os fascistas prendem em lugar delus as mulheres e até os filhos, ao mesmo tempo que destroem, tudo que encontram em casa das vitimas. Dois medicos, suspeitos de simpatizar com o comunismo, foram mortos a pancadas. As tropas de assalto prendem a torto e a direito segundo os seus caprichos, escurrecem dos detidos, atando-os ás arvores, fazendo disparos em torno deles, forçando-os a engulir oleo de ricino em quantidade, etc. Todos os dias encontram-se corpos de pessoas assassinadas por "desconhecidos".

Sómente nestes ultimos dias a atmosfera tornou-se mais calma, pelo menos em Berlim e arredores. (Uma das causas das medidas tomadas por Hitler contra as ações isoladas, deve-se ao fato das tropas de assalto terem dado uma busca no palacio duma senhora da alta sociedade durante uma recepção em que estavam presentes todos os embaixadores. Nessa ocasião, os nazis espancaram os chauffeurs que estavam esperando os diplomatas e rasgaram as banderlinhas pregadas nos carros).

Eis aqui alguns fatos "isolados": em pleno dia, na rua, um rabino tem a barba arrancada e morre de hemorragia. Os bandos nazis entram

ECONOMIA E FINANÇAS

O fim da Conferencia Economica Mundial

Apenas decorridas duas semanas da abertura dos seus trabalhos a Conferencia Economica Mundial entrou em agonia. Esta se estirará por tempo mais ou menos longo, na medida das forças e da capacidade acrobática de Macdonald, especialista em saídas difíceis.

Recorde-se agora que a propria ideia de reunir-se em Londres todas as nações do mundo à cata da pedra filosofal brotou do cerebro do "premier" britânico, como unica saída do fracasso da Conferencia de Lausanne, onde Von Papen disse oficialmente que a Alemanha não pagaria mais um nickel de reparações, e as potencias credoras, em um "gentlemen's agreement" desapertaram o nó das reparações, mas o enovelaram com as dividas de guerra aos Estados Unidos. A administração Hoover prudentemente, e porque estava em vespuras das eleições presidenciais, absteve-se de "intervir nos negocios europeus", como reza hipocritamente a cartilha de Washington, quando não convem ao governo ianqui tomar atitude definitiva.

Mas a corda se parte sempre pelo lado mais fraco. No ano passado como agora, é a preponderancia material dos Estados Unidos, isto é, o peso da sua produção na economia mundial, a força decisiva que leva de roldão todas as perspectivas e tentativas de "entente" economica que sejam iniciativa e interesse dos outros sistemas nacionais. E' claro que só se pôde falar na Europa, como todo economico, de interesses concordantes, na medida da sua opposição aos Estados Unidos e da politica britânica que oscila entre os interesses propriamente imperiais (acordos de Ottawa, tarifas preferenciais, etc.), e a sua hegemonia no continente

europeu. E em Lausanne, como agora em Londres, o ascendente dos Estados Unidos é tão decisivo que uma atitude negativista do seu governo basta para ameaçar o sucesso da reunião, de que tão firmemente se tinham convencido as almas ingenuas pelo mundo afóra.

Sob o aspecto politico, o debate travado nas salas do Museu Geologico está longe de ser o que parece, uma discussão academica sobre a estabilização monetaria e a volta ao padrão ouro, entre as delegações do mundo inteiro. E', sim, um debate, ao mesmo tempo, mais amplo e mais restrito.

Mais amplo, si se lembrar que, disfarçado pelo aspecto puramente técnico da discussão, seu objetivo ultimo é uma questão mais transcendente — a tentativa de igualar as condições da concorrência no mercado mundial, o que se poderia chamar quasi uma tentativa utopica de racionalização do mercado mundial em regime capitalista. Mais restrito si se reparar que a discussão assume o caracter de opposição sistemática entre os Estados Unidos e um todo quasi amorfo de interesses dos outros grupos nacionais. Esse amorfismo facilita à Inglaterra a direção do bloco, dando-lhe um sentido geral anti-americano. E é por isso que, sob o aspecto mais restrito, os debates da Conferencia de Londres, o aspecto tecnico, se desenvolvem como si se tratasse de um duelo entre a libra e o dolar.

E' mesmo sintomatica a pouca importancia do ponto de vista francês nos debates sobre a estabilização. Ultimo abencerragem do padrão ouro, a França, depois de sonhar com o apoio dos Estados Unidos para forcarem ambos a Inglaterra a voltar ao padrão ouro, não tendo conseguido

dos Estados Unidos a regulamentação sequer provisoria das dividas de guerra, clama lastimosamente pelo adiamento da Conferencia. Os jornais de Paris já deblateram contra Roosevelt e Macdonald por ter armado à França uma "ratoeira", e, diz um correspondente inglês de Paris que os franceses já não vêm no ultimo, o pastor protestante tão amigo de Herriot, mas acham que perdeu muito na companhia de "aventureiros". São pouco diplomaticas essas expressões, mas, por isso mesmo, mais significativas.

Assim, as fagueiras esperanças de entendimento quanto à estabilização imediata do dolar deram lugar à realidade do desacordo mais permanente. Os Estados Unidos impõem a taxa de \$4 que sabem é inaceitavel para a Inglaterra, dão o prazo de um ano para a estabilização, retiram a sua proposta de redução geral das tarifas, Roosevelt embarca para Londres o indefectivel professor Moley.

Este, chegado a Londres, descobre as baterias. Os Estados Unidos querem forçar a Inglaterra a se decidir pela desvalorização geral e consequente apoio ao plano americano de elevação do nivel dos preços na escala mundial, isto é, como disse um editorial do "Financial News" "roubar" a esta as vantagens decorrentes da quebra do padrão. Para isso, os Estados Unidos usam da ameaça da inflação, "sem controle e sem fim". Enquanto cae o dolar, a França, num supremo esforço, junta, sob a liderança, os países da Europa continental, para pedir à Inglaterra que não os abandone à sanha inflacionista ianqui. Estabilizar ou não? Gemie Albion com a faca aos peitos...



Desfiles, cerimonia, fogo de artifício, nisso tudo somos incomparáveis. Mas como, agora, dar pão ao povo?

(Do "Volksrecht", Zurich)

A Situação do Mercado da Borracha Amazonica

Extraímos da "Gazeta", do dia 26. p. p. a seguinte estatística da queda da produção da goma elastica amazonica, nos últimos 20 anos:

1906, 34.767.756;	1907, 35.866.584;
1908, 38.063.351;	1909, 39.462.203;
1910, 38.039.818;	1911, 35.858.699;
1912, 43.362.293;	1913, 39.215.733;
1914, 37.720.172;	1915, 37.745.837;
1916, 35.209.128;	1917, 37.092.876;
1918, 27.746.792;	1919, 38.461.880;
1920, 28.725.574;	1921, 19.097.266;
1922, 23.025.995;	1923, 21.985.038;
1924, 26.963.352;	1925, 27.751.820;
1926, 28.432.440;	1927, 31.034.344;
1928, 23.641.855;	1929, 24.787.999;
1930, 16.846.605;	1931, 5.310.782;
1932, 2.639.479.	

Infelizmente, o desmoronamento assustador continua: no ano passado, a queda não foi menos significativa: de 5.310.782, a sua produção desceu para 2.639.479 kilos!

Artilharia pesada!

ARTILHARIA PESADA!

Tal foi a ordem de nossos chefes durante a grande guerra e a artilharia pesada — a vontade téta para a vitória — respondeu afirmativamente, apesar de todas as dificuldades da hora. Hoje, depois que foi reconhecida para a Alemanha a igualdade de direitos, a palavra de ordem: A ARTILHARIA PESADA! deve ser lançada tanto mais energicamente pelos antigos artilheiros, quanto nós temos a convicção de que, sem ela, a Alemanha não reconquistará jamais a própria liberdade.

(“Deutsche Tageszeitung”)

Dr. Elias Machado

Engenharia Civil

Rua Libero Badaró N.º 30

Farmacia Municipal

Telefone 4-7751

Rua Barão de Itapetininga, 36

A Balança de Pagamentos dos Estados Unidos

O Departamento de Comercio publicou as cifras preliminares da Balança de pagamentos para 1932. Os algarismos são os seguintes, comparados com os de 1931:

Em milhões de dolares	1932	1931
Mercadorias (balança comercial) ...	+ 247	+ 284
Fretes e transportes maritimos	- 45	- 72
Despesas de turistas	- 375	- 456
Remessas de imigrantes	- 132	- 163
Instituições de caridade	- 31	- 39
Juros e comissões	+ 393	+ 536
Dividas de guerra	+ 99	+ 113
Diversas transações do governo	- 70	- 100
Diversos (invisiveis)	+ 45	+ 57
Total	+ 131	+ 160
Ouro em movimento	- 11	+ 176
Moeda em circulação	- 80	- 10
Total	- 91	+ 166
Capital movimentado a curto prazo	- 371	- 709
Capital movimentado a longo prazo	+ 217	+ 218
Total	- 154	- 491
Balanco (saldo) ...	+ 114	+ 165
Total Bruto ...	\$ 4.272	\$ 5.508

A redução de 20% no total global da balança é testemunho eloquente de como foram restringidas todas as formas de comercio no curso de 1932, mesmo em comparação com o ano anterior. A não ser essa redução de caracter geral, não se nota mais alteração de cada item em particular. A balança comercial favoravel manteve-se de modo surpreendente. As reduções nas despesas dos turistas, remessas de imigrantes e instituições pias não compensaram de todo a queda nos juros e nos recebimentos das dividas de guerra.

A balança em conta corrente (o primeiro total referido) caiu de \$ 160 milhões a 131 milhões — redução muito pequena nas circunstâncias atuais. Os algarismos citados

demonstram a força fundamental da posição internacional dos Estados Unidos e, confrontados com as cifras das retiradas ouro em Nova York, não justificam o argumento de que havia necessidade de suspender o padrão ouro. Os algarismos dos movimentos de capital não revelam nada de particular, excepto que os Estados Unidos continuaram em 1932 a comprar do estrangeiro os seus proprios valores.

(“Economist”, 13-5).

Aumento da Especulação

Em diversos ramos economicos constata-se uma melhoria de conjuntura. Particularmente notavel é a atividade crescente da industria do aço, pois ela se funda, em grande parte, num aumento efetivo das procuras. A utilização da capacidade de produção acaba de alcançar os 35 por cento. De resto, a procura é feita apenas por um pequeno numero de compradores, dentre os quais avulta a industria automobilistica. Dois dos mais importantes clientes da industria do aço, os estaleiros e as estradas de ferro, não aumentaram senão em medida desprezivel as suas compras.

Quanto ao resto, a "reprise" na industria e no comercio é, sobretudo, especulativa. Trata-se, naturalmente, e em boa parte, de "stockagens" à espera de novas altas de preço. Isto é particularmente claro na industria americana do algodão. Durante as tres ultimas semanas, as entregas de algodão bruto às fiações americanas passaram de 43 por cento a média de 1919-31, a qual alcançou nos ultimos quatro anos o nivel mais elevado.

Receia-se que tal aumento das entregas, se não for acompanhado em determinado momento de um acrescimo correspondente do consumo real, será, no fim, mais prejudicial do que util.

(Berliner Tageblatt, Berlin)

O Desemprego nos Estados Unidos

O numero total, aproximativo, dos operarios norte-americanos elevava-se no principio do ano, a 49,8 milhões, dos quais só 32,8 milhões tinham occupação. O numero dos sem-trabalho, atinge portanto a 17 milhões. Em 1929 avaliara-se o numero dos desempregados em 4,1 milhões, porém é provavel que esse calculo ficasse

muito aquém da realidade. Como resultante do aumento do numero de desempregados diminuiu de muito a média dos salarios. Ainda em 1929, a receita média de um trabalhador era de 1.157 dolares; em 1933, ela é apenas de 645.

(Boletim do "Instituto Alexander Hamilton").

Porque são possíveis as "grandes obras" na Italia

Os jornais do dia 25 proximo passado publicaram o seguinte telegrama de Palermo:

PALERMO, 24 (U.T.B.) — O Ministério das Obras Publicas autorizou a realização dos trabalhos necessarios para sistematizar os cursos d'agua que banham esta cidade, de modo a salvá-la das aluviões.

A obra já realizada nesse sentido e as que vão ser iniciadas custarão ao todo cerca de 27 milhões de liras e representarão um total de 7 milhões de dias de trabalho.

27 milhões de liras representando 7 milhões de dias de trabalho, correspondem, exatamente, a um valor diario de Lit. 3,857 (tres liras e oitocentos cincoenta e sete centesimos)!

Isto significa que, nas obras de Palermo, foram empregados até agora e o serão ainda, operarios ganhando uma diaria de Lit. 3,857, correspondentes, mais ou menos, ao cambio actual, a 3\$000 (tres mil réis), em moeda nacional.

E' preciso levar em conta, porém que essas 3 liras e fração não representam, no mercado italiano, o mesmo valor de sua cotação no Brasil, mas sim um valor bastante inferior.

Eis aí porque são possíveis todas essas "grandes obras" de que a imprensa fascista e fascizante tanto fala. E eis aí, também, uma demonstração clara da situação econômica italiana.

A desoccupação formidavel que existe na Italia possibilita essa exploração vergonhosa, pois os desempregados, para não morrer de fome, devem aceitar as condições que os empregadores fascistas que constroem as "grandes obras" ditam a seu bel prazer, e que o Governo fascista sustenta e impõe.

O FIM DE UMA LENDA

Schlageter, duplo agente

A serviço da França e da Alemanha, sabotador de estradas de ferro e heroi nacional do III Reich.

Alberto Leo Schlageter passa por ser o Guilherme Tell do 3.º Reich. A sua vida, do berço ao tumulo, é-nos relatada minuciosamente por uma infinidade de filmes e livros de propaganda. E' o protagonista de duas peças de teatro, de representação obrigatória em diversas cenas. O aniversario da sua morte acaba de ser celebrado com festejos "colossais". Exposições ambulantes deram-lhe a sua gloria através de toda a Alemanha.

Leo Schlageter, nascido na Suabia, participou como oficial na guerra de 14. Após a derrota de 1918, encontrando-se sem trabalho, procurou arranjar-se no comércio, mas inutilmente. Logo depois vêmo-lo como membro da Reichswehr negra e é nessa qualidade que o vamos encontrar nas provincias do Leste. No entanto, como seus companheiros desconfiassem seriamente que ele praticava a espionagem em favor da Polonia, vê-se obrigado novamente a partir para Berlim, apesar de seus acusadores não terem fornecido provas formais contra ele.

Na capital alemã, durante algum tempo dá-se ao comercio de armas, mas em 1922, os seus amigos sonham-lhe tudo o que possui, causando a seus comanditários uma perda de mais de 5 milhões de marcos-papel. Schlageter encontra-se novamente em apuros.

Estamos agora no periodo da occupação da Ruhr. Heinz Hauenstein, chefe de uma quadrilha de sabotadores, engaja Schlageter, o qual vem assim a contáto de certos ambientes do Reich, notadamente dos serviços financeiros das usinas Krupp, que põem à sua disposição meios suficientes para alimentar a resistencia passiva.

Alguns tempos depois, diversos membros da quadrilha Hauenstein — entre eles talvez o proprio chefe — querendo se desfazer de Schlageter, o qual era já considerado importuno, denunciam-no às autoridades belgas e francesas como organizador de sabotagens e lançador de bombas. Mais uma vez ele é traído por seus proprios camaradas.

Todavia, Schlageter caiu nas mãos

das autoridades francesas por um simples acaso. A' porta de um hotel em Essen, Schlageter embatera-se num agente da policia auxiliar alemã que lhe exigira os papeis de identidade. Schlageter apresentara então o passaporte tão desageitadamente que o policia conseguira entrever, dentro da carteira, um outro passaporte. Este ultimo, redigido em branco, encontrava-se provido de todos os sinetes das autoridades alemãs. A agente, também este alemão e membro de um partido da direita, chamara a policia francesa para denunciar o homem que tinha dois passaportes. Os franceses reconheceram no logo como a pessoa suspeita que lhes fora iniciada, identificando-o porém, no mesmo tempo, como um de seus informadores. A surpresa da policia francesa aumentara quando verificou-se que Schlageter trazia consigo bombas, punhais e outros accessorios que, nessa época de occupação, usavam-se comumente na Ruhr.

Schlageter foi conduzido perante os tribunais sob a acusação de ter praticado diversos atentados; reconhecido culpado, foi fuzilado no dia 26 de maio de 1923. O resultado dessa execução foi que deu cabo, de uma vez para sempre, à série das criminosas sabotagens nas estradas de ferro, sabotagens essas que provocaram a morte de inumeros alemães e franceses. Os cumplices de Schlageter foram em seguida anistoados pelo governo frances.

O autor destas linhas se encontra em condições de conhecer todos os detalhes do caso Schlageter por ter tido occasião de consultar os relativos "dossiers" franceses e alemães, e assegura que a versão dada por ele fora confirmada pela familia e pelos companheiros de Schlageter.

De fato, no curso do processo, essa pessoa tinha por vizinha, na aula do júri, a irmã do "heroi", cujas declarações ele podia comodamente apreciar.

Aliás, a atitude de Schlageter não era absolutamente uma atitude heroica. As finalidades que perseguia não podiam ser mais comuns: queria sómente ganhar dinheiro, e se optara para uma tão perigosa profissão, fóra sómente porque a guerra ensinara-lhe o desprazo pela morte.

(Do "Volksstimme", de Sarrebruch)

O "grande" Mussolini

Os adeptos do fascismo costumam apresentar Benito Mussolini como a última incarnação do gênio de estadista, do administrador, do "condottiere", em suma, do "grande homem". É natural que os camisas de todas as cores, a serviço das classes dominantes, acreditem na balela e a propaguem aos quatro ventos. Não há aí motivo de espanto. O mesmo não acontece, porém, quando essas afirmações partem de homens que se dizem partidários da democracia e, a pretêxo de imparcialidade ou isenção de ânimo, se apresentam como vulgarizadores de semelhantes disparates.

Mussolini não "creou", na Itália, nada de novo. Limitou-se, depois de uma abominável traição ao seu partido, a substituir a forma de dominação de um mesmo sistema social. Não fez senão transformar-se em executor das ordens da grande burguesia, centralizando mais o seu poder ameaçado pela rebelião do todo o povo. Como "condottiere" é um demagogo que repete sempre as mesmas fórmulas em nome da dominação de uma classe decadente. Como administrador, não vemos que qualidades extraordinárias precisa ter um homem para dirigir os negócios de uma casta privilegiada que enfeixa em suas mãos todo o aparelho do Estado, garantida pela força armada de um exército de mercenários e de

uma milícia especialmente organizada, para defender os interesses da quadrilha. Onde está, pois, o "grande homem"? Onde o gênio do estadista, quando o Estado não passa, na Itália, de uma organização de bandidos, solidamente ligados na defesa dos privilégios da classe que representam?

Não queremos, entretanto, recusar a Mussolini o título de "grande". Grande demagogo, nem há a menor dúvida, pois os seus discursos inflamados puderam embasbacar toda uma pequena burguesia imbecilizada por sua própria posição na sociedade e esasperada pela dramaticidade dos grandes acontecimentos. Grande traidor, pois não se conhece exemplo tão impressionante de traição mais despuddorada aos ideais outrora defendidos. E grande assassino, isto sobretudo, pois poucos homens tiveram, em toda a história da humanidade o ensejo de cometer a série interminável de crimes que culminaram no assassinio covarde de Matteotti, Della Maggiora e milhares de outros, e ainda continuando, no suplicio que se inflige a Antonio Gramsci e a toda uma numerosa multidão de lutadores.

Grande demagogo, grande traidor, grande assassino. Eis Benito Mussolini.

J. Pereira do Amaral

"REMINGTON-PORTATIL" no LAR



No Lar, acima de tudo, precisa-se da

"REMINGTON - PORTATIL".

Precisa dela cada membro da Família. — O estudante sabe que, composições bem datilografadas, obtêm boas notas. Adquirir uma destas elegantes máquinas e conserve-a sempre consigo. O novo modelo é totado do EXCELENTE TABULADOR DE PARAGRAFOS. — Ela é acompanhada de magnífico estojo para viagens. — PEÇA INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO ALGUM DE COMPRA.

Casa Pratt



Telefones: 2-4185/6/7.

PRAÇA DA SE' Nos. 16 e 18.

SÃO PAULO

O Candido e o Julio, o "Fanfulla" e o Gustavinho Presidente da Academia

A Ação Social Brasileira que é uma arapuca de um senhor Joaquim Cândido de Azevedo, travestido de fascista aqui na terra, acaba de nomear no Rio, o seu secretario geral. É um tal sr. Julio Barata. Até aí nada. A Ação Social podia nomear até outra porcaria qualquer parecida, se não se contentasse com a barata que arranhou.

Mas o caso pensado e digno de registro nesta coluna que hoje tem de virar humorística, é que o sr. Julio Barata é também o representante da Câmara de Comércio Importador. Esta Câmara do Comércio Importador seria uma camarilha se fosse muita gente, mas é pouca. Nasceu aqui em São Paulo, para fazer oposição à Associação Comercial. O sr. Joaquim Cândido foi a mãe da Câmara. Filha dessa mãe a Câmara tanto importou e tanto importou que acabou por importar, junto com uns queijos pôdres, o fascismo italiano na edição mais vagabunda que por aqui apareceu. Logo que foi dada a lume essa edição, o integralimo do escritor verdamarélio Plinio Salgado deitou comunicado dizendo para que não se confundissem as duas coisas. O detentor da palavra de ordem era a Liga Integralista e não a tal Ação Social. Então, para que teria ido ele, Plinio, lambear as curvaturas do "Dux" e as patas de Sua Santidade em Roma? Para no fim aí qualquer Ação Social vestir o Cândido de "salvador"

providencial e encher o olho dos que estão pedindo camisa?

Agora, a Ação Social precisa de um secretário e a Câmara de um representante no Rio. Pegam de um barata qualquer (mercadoria barata?) e põem lá na Guanabara a representá-lo.

Enfim, é de se esperar que o Cândido acabe importando uma redoma para a sua candura e o Barata um bom inseticida para "desinfetar-se", por sua espontânea vontade...

Agora o "Fanfulla".

O jornal fascista da rua Libero arremeteu-se de unhas e dentes contra umas notícias publicadas na imprensa paulistana, a respeito do convite, feito pela direção da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, a dois escritores italianos para virem ao Brasil fazer conferências sobre sociologia. Esses escritores são Nití e Guilherme Ferrero. E o órgão fascista descobre aos olhos assombrados dos brasileiros que os dois são antifascistas (!). Um furioso e o outro mais brande... Oh., que horror, que monstros que o Brasil vai receber!

Depois o tal jornaléico insinua que não deveriam ser convidados só antifascistas, mas também fascistas. Sim, porque mesmo fascista há cada colosso na Itália que só a gente ouvindo para se convencer...

O "Fanfulla" parece que o que quer é sarna para se coçar. Imagine-se que nem sem

virem esses colossos de sabios fascistas, a colonia vive em paz! Agora, vindo eles, então é que a coisa ficava mesmo bonita!

Afinal, a mentalidade da "italianita" dessorada de que o velho órgão se alimenta, precisa vêr que a sociologia a politica não são propriedade exclusiva do fascismo. Coisa muito melhor e menos indigesta, sempre anda fóra dessa "corrente renovadora da Itália e da Alemanha", e não só fóra dessa corrente, mas, principalmente, fóra desses países hoje reduzidos a campos de concentração.

E agora o Gustavinho.

Gustavo Barroso, escritor fulgurante etc. etc., presidente

da Academia de Letras Brasileira. Deu de fazer conferências sobre integralismo. Quer dizer, acabou falando sozinho, fazendo bobagens, jogando pedrinha.

Atacado de paralisia geral. Observador.

CASA MILION

ALFAIATARIA e ROUPAS FEITAS

Rua Sta. Efigenia, 129

Malharia Loslowski

Rua José Paulino, 80
Tel. 5-4163

Biblioteca parda

"A decima primeira seção das tropas de choque acaba de instalar uma biblioteca que deve servir para aperfeiçoar a instrução militar e cultural de seus membros. A seção necessita, com urgência de obras versando sobre os seguintes assuntos: 1.) ESTRATÉGIA MILITAR, INFORMAÇÕES ESPECIAIS, EMPREGO DE ARMAS, etc.; 2.) esporte e jogo; 3.) historia da Alemanha; 4.) movimento nazi; 5.) BÓIA literatura nacionalista (PRINCIPALMENTE LIVROS SOBRE A GUERRA). Envie donativos ou dinheiro à seção XI, Neudorfst, ... Mandaremos a domicilio, se assim preferirem, a convite, por carta ou chamado telefônico."

NATIONALSOZIALISTISCHE SCHLESISCHE TAGESZEITUNG, 17 de Maio.

A revolução nacional avança a passos de gigante



Primeira etapa



Segunda etapa



Terceira etapa



Quarta etapa



Quinta etapa



Sexta etapa



Ultima etapa